

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

**MOTIVAÇÕES PRAGMÁTICAS PARA O USO DE DUPLA NEGAÇÃO: UM
ESTUDO DO FENÔMENO EM PORTUGUÊS EUROPEU**

LUANA LAMBERTI NUNES

PORTO ALEGRE

2014

**MOTIVAÇÕES PRAGMÁTICAS PARA O USO DE DUPLA NEGAÇÃO: UM
ESTUDO DO FENÔMENO EM PORTUGUÊS EUROPEU**

LUANA LAMBERTI NUNES

Orientador: Prof^o. Dr. Marcos Goldnadel

Monografia apresentada como requisito
para obtenção do Grau de Licenciatura em
Letras – Língua Moderna - Inglês pelo
Instituto de Letras da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul - UFRGS.

PORTO ALEGRE

2014

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria agradecer, em primeiro lugar, aos meus pais por me apoiarem nos momentos mais difíceis dessa jornada que foi a graduação. Eles são o alicerce da minha vida e tudo que faço é para dar orgulho a eles. Nessa minha caminhada de cinco anos, muitas dificuldades foram enfrentadas e sem a minha família não conseguiria ter chegado até aqui.

Sou muito grata ao meu orientador Marcos Goldnadel que é responsável pela paixão que desenvolvi pela linguística. Sua calma, dedicação, e incentivo foram essenciais em meu trajeto.

Dedico agradecimentos especiais aos professores que, de uma forma muito generosa, me auxiliaram na construção desse trabalho. Agradeço à professora Ingrid Finger da UFRGS que assessorou o nosso grupo de pesquisa na elaboração do teste de percepção, sendo este um instrumento muito importante na formulação de nossa hipótese de manutenção tópica. À professora Isabella Paoletti da Universidade Nova de Lisboa por ter me auxiliado muito com a escrita inicial deste trabalho e também por ter cedido seus dados de pesquisa que foram aqui utilizados, além disso, sua gentileza e motivação foram especiais no período em que passei em Portugal. Por fim, agradeço ao professor Scott Schwenter da Ohio State University por mostrar interesse em minha pesquisa, indicar diversos trabalhos prévios sobre dupla negação para enriquecer o meu TCC e também pela gentileza dos conselhos oferecidos.

Não posso deixar de agradecer a todos meus amigos que foram sempre carinhosos e parceiros na compreensão da minha ausência e também por me apoiarem na realização dos meus sonhos. Amizades fundamentais que me acompanham há muito tempo ou que são mais recentes oferecidas pela Mayara, Daniela, Líciele, Jéferson Cristian e Juliana. Ainda tenho que acrescentar as pessoas que foram essenciais, nesses cinco anos, que conheci na universidade e que fazem parte da minha vida, elas que são Luiene, Bruna, Rafaela, Eduarda e Laura que tornaram a caminhada desses últimos meses mais tranquila pelo companheirismo e por proporcionarem muitas risadas na administração da comissão de formatura. Por último, e, não menos importante, agradecimento, devo deixar meu profundo carinho pela Luana Talasca que esteve ao meu lado desde o primeiro dia de graduação e que trilhou junto comigo todas as dificuldades e momentos bons proporcionados na UFRGS, ela foi realmente essencial

em minha graduação e fico muito feliz por ter tido alguém tão especial como a Luana nesse período de minha vida.

Termino os agradecimentos com um poema do Fernando Pessoa que me faz recordar o sonho mais incrível que eu já vivi.

Lisboa

Lisboa com suas casas

De várias cores,

Lisboa com suas casas

De várias cores,

Lisboa com suas casas

De várias cores...

À força de diferente, isto é monótono.

Como à força de sentir, fico só a pensar.

Se, de noite, deitado mas desperto,

Na lucidez inútil de não poder dormir,

Quero imaginar qualquer coisa

E surge sempre outra (porque há sono,

E, porque há sono, um bocado de sonho),

Quero alongar a vista com que imagino

Por grandes palmares fantásticos,

Mas não vejo mais,

Contra uma espécie de lado de dentro de pálpebras,

Que Lisboa com suas casas

De várias cores.

Sorrio, porque, aqui, deitado, é outra coisa.

A força de monótono, é diferente.

E, à força de ser eu, durmo e esqueço que existo.

Fica só, sem mim, que esqueci porque durmo,

Lisboa com suas casas

De várias cores.

Álvaro de Campos, in "Poemas"

RESUMO

A possibilidade de expressar a negação sentencial de modos distintos é fato reconhecido em diversas línguas. Entre essas possibilidades está a estratégia que consiste em utilizar mais de um operador de negação sentencial expressando apenas uma operação de negação, o que é referido por alguns autores como dupla negação. As razões para o surgimento dessa forma alternativa de negação têm sido motivo de algum debate em Pragmática. Para a maioria dos autores, a dupla negação surge como estratégia discursiva para expressar ênfase. Em uma série de trabalhos, Scott Schwenter tem defendido a hipótese de que a dupla negação surge como forma de marcar conteúdo ativado no discurso. Lima (2013), elaborando sobre as ideias de Schwenter, defende a ideia de que, em seus estágios iniciais de uso, enunciados de dupla negação cumprem a função pragmática de sinalizar manutenção de tópico sentencial. Este trabalho investiga usos de dupla negação em entrevistas sociolinguísticas, procurando identificar sua função discursiva a partir de uma análise que leva em consideração os conceitos de tópico e comentário propostos por Van Kuppevelt (1995). A partir dessa análise, propõe a hipótese de que em um estágio inicial, a dupla negação cumpre uma dupla função: sinalizar a apresentação de comentário a (sub)tópico, próximo ou distante, e sinalizar continuidade tópica, ou seja, disposição de dar continuidade à apresentação de comentários em (sub)tópicos subsequentes. Para testar essa hipótese, realiza-se um teste de percepção aplicado em falantes da cidade de Lisboa. O resultados do teste são analisados e comparados com os de outro teste semelhante realizado com falantes residentes na cidade de Porto Alegre em 2013. Esses resultados revelam que, nas duas localidades, a aceitação de enunciados de dupla negação diminui à medida que se afasta da função de expressar a manutenção de tópico discursivo, oferecendo suporte para a hipótese testada.

Palavras-chave: Dupla Negação, Português Europeu, Teste de Percepção, Entrevistas Sociolinguísticas

ABSTRACT

The possibility of expressing sentential negation in different ways is acknowledged in several languages. Among these possibilities, there is the strategy of using more than one operator of negation expressing just one denial, which is referred by some authors as double negation. The reasons for the emergence of this alternative form of denial have been the objective of some debate in Pragmatics. For most authors, the double negation appears as a discursive strategy to express emphasis. In a series of papers, Scott Schwenter has defended the hypothesis that the double negation arises as a strategy to indicate activated content in speech. Lima (2013), elaborating on the Schwenter ideas, takes the view that, in its early stages of use, the double negation meet the pragmatic function of signaling sentence topic maintenance. This work investigates the uses of double negation in sociolinguistic interviews, trying to identify its discursive function from an analysis that takes into account the concepts of topic and comment proposed by Van Kuppevelt (1995). From this analysis, we propose the hypothesis that at an early stage, the double negative fulfills two functions: to signal the presentation of comment to a (sub) topic, near or far, and to signal topical continuity, i.e willingness to continue for comments on subsequent (sub) topics. A perception test was applied to speakers from Lisbon to test this hypothesis. The test results are analyzed and compared with those of other similar test applied to speakers from Porto Alegre in 2013. These results show that in both locations, the acceptance of statements of double negation decreases as it moves away from the function to express the maintenance of discursive topic, providing some support for the hypothesis tested.

Keywords: Double Negation, European Portuguese, Perception Test, Sociolinguistic Interviews

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO DA DUPLA NEGAÇÃO	11
1.1 O ciclo de Jespersen.....	11
1.2 Estudos sobre dupla negação no Português Brasileiro.....	13
2 O CONTEXTO DA PESQUISA	17
2.1 Motivações pragmáticas para o surgimento da dupla negação no Português Brasileiro.....	17
2.1.1 A hipótese da manutenção tópica.....	19
2.2 Desenvolvimento da hipótese central.....	20
2.2.1 A noção de tópico e comentário.....	20
2.2.2 A hipótese central.....	23
2.2.3 Análise das entrevistas do VARSUL.....	24
2.3 Desenvolvimento da hipótese adicional.....	28
2.3.1 Estudos prévios sobre dupla negação em Português Europeu.....	28
2.3.2 A hipótese adicional.....	29
2.3.3 Análise das entrevistas do Português Europeu.....	30
3 TESTES DE PERCEPÇÃO	35
3.1 Teste de percepção aplicado na região sul do Brasil.....	35
3.2 Teste de percepção aplicado em Lisboa.....	44
3.2.1 Procedimentos metodológicos: processo de adaptação do teste.....	45
3.2.2 Aplicação.....	47
3.3 Apresentação e discussão dos resultados dos testes aplicados em Lisboa e Porto Alegre.....	47
3.4 Discussão finais do capítulo.....	50
CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS	54
Anexo 1 – Teste de Percepção realizado em Porto Alegre	57
Anexo 2 – Teste de Percepção realizado em Lisboa	61
Anexo 3 – Contextos do teste gravados em Porto Alegre	65
Anexo 4 – Contextos do teste gravados em Lisboa	67

INTRODUÇÃO

O português brasileiro (PB), atualmente, possui três estratégias de negação sentencial coexistentes. A primeira é uma negação canônica com um item negativo pré-verbal como, por exemplo, **Não quero um pedaço de bolo**. Já a segunda é a chamada dupla negação (DN) que possuiu dois itens negativos, um anteposto e outro posposto ao verbo como, por exemplo, **Não quero um pedaço de bolo não**. Já a terceira é aquela em que o item negativo encontra-se posposto ao verbo, como em **Quero um pedaço de bolo não**.

Diversas línguas apresentam estruturas de negação similares ao português brasileiro, como o francês, o espanhol, o catalão, o italiano etc. Além disso, essas estruturas podem fazer parte de um fenômeno chamado Ciclo de Jespersen. Tal teoria estabelece que existe um processo cíclico de mudança de posição no uso de negativas. Uma das questões teóricas importantes nesse debate é que aquela que diz respeito à explicação para o fato de, num determinado estágio da língua, com uma forma negativa consolidada, surgir uma nova estratégia de negação.

Já foram sugeridas várias hipóteses para explicar o surgimento de estruturas alternativas de negação. O próprio Jespersen (1917) entendia que o surgimento de um novo operador de negação redundante seria uma forma de reforço necessária para compensar o enfraquecimento fonológico do operador original.

Atualmente, autoras brasileiras como Souza (2007) e Furtado da Cunha (2007) consideram que as diferentes estratégias negativas em PB estão passando por um processo de gramaticalização, encaixando-se em uma corrente mais estrutural para a explicação do surgimento do fenômeno.

Entretanto, há outros autores que tomam em consideração aspectos pragmáticos em sua tentativa de explicar o surgimento de estruturas inovadoras de negação. Entre eles, vale citar Schwegler (1991), Hoeksema (2009), Awera (2009). Nessa vertente, entram em consideração elementos como ênfase e pressuposição. Schwenter (2004) elabora uma hipótese de que as negações não canônicas surgem como forma de apontar conteúdo discursivamente ativado e utiliza exemplos do Português Brasileiro Falado para ilustrar sua hipótese.

Ainda, no que concerne a essa vertente, Lima (2013), baseada em exemplos recolhidos do banco de dados do VARSUL, sugeriu a hipótese de manutenção tópica

para o surgimento do fenômeno da DN. Essa hipótese afirma que, além da dupla negação realizar a função de apontar conteúdo discursivamente ativado, ela também surge como uma marcação da manutenção tópica, na qual o tópico é mantido e também pode ser elaborado após a ocorrência da DN. Ademais, a região Sul do Brasil foi escolhida pela autora no desenvolvimento dessa hipótese por apresentar poucas ocorrências de DN nos dados, configurando, assim, uma área ideal para o estudo do surgimento do fenômeno e suas restrições pragmáticas de ocorrência.

O presente trabalho acompanha a hipótese de Lima (2013). Levando em consideração que, na referida pesquisa, a proposta de manutenção tópica encontrava-se em uma fase inicial de elaboração, essa investigação procura aprofundar e reelaborar essa hipótese. Isso se dará com a utilização dos conceitos de tópico e comentário estabelecidos por Van Kuppevelt (1995), caracterizando a hipótese central desta investigação.

Em relação à literatura especializada investigada, não há referências que confirmem a ocorrência do fenômeno de dupla negação, e nem seu uso não enfático no PE falado. Ou seja, a hipótese adicional do presente trabalho apoia-se na ideia de que essa variedade estaria em uma fase inicial do fenômeno, como a região Sul do Brasil, e introduz de um novo cenário ilustrativo para a confirmação da hipótese central do referido trabalho, que é o contexto do português europeu (PE). Para isso, há uma proposta de análise de ocorrências de DN em dados de fala espontânea do PE em dois períodos diferentes (décadas de 90 e 2010). Essa análise será baseada nos conceitos de tópico e comentário propostos por Van Kuppevelt (1995 e 1996). Além disso, um teste de percepção aplicado em 75 estudantes da região de Lisboa, Portugal, também será apresentado. Por fim, há uma reflexão comparativa entre os resultados obtidos por um teste de percepção realizado na região Sul do Brasil em 2013 e os obtidos no presente trabalho.

No primeiro capítulo, há uma caracterização do fenômeno da dupla negação. Ele está dividido da seguinte maneira: uma descrição da teoria do Ciclo de Jespersen e um panorama dos trabalhos anteriores acerca da DN no Português Brasileiro.

Já o segundo capítulo apresenta o contexto da pesquisa: as motivações pragmáticas para o surgimento da DN no Português Brasileiro, a apresentação da hipótese de manutenção tópica proposta por Lima (2013), uma análise das entrevistas do VARSUL, uma análise das ocorrências de DN no Português Europeu, e, por fim, o desenvolvimento das hipóteses do presente trabalho.

O terceiro capítulo contém a descrição dos testes de percepção aplicados na região Sul do Brasil e em Lisboa e as suas motivações de elaboração, os procedimentos metodológicos. Além do mais, há uma comparação de seus resultados e, por fim, a discussão e considerações finais do trabalho. A última seção apresenta a conclusão do trabalho.

1 CARACTERIZAÇÃO DO FENÔMENO DA DUPLA NEGAÇÃO

1.1 O ciclo de Jespersen

Diferentes ocorrências de estratégias da negação sentencial suscitaram estudiosos à investigação das motivações para a ocorrência destas estruturas. Na literatura especializada, o primeiro linguista a propor uma análise e teorização destes diferentes tipos de negação foi Otto Jespersen (1917). O referido autor trata esse fenômeno em uma perspectiva que leva em consideração o enfraquecimento fonético e semântico de um item negativo original. Em Jespersen (1917) apud Auwera (2009), há a seguinte descrição:

The history of negative expressions in various languages makes us witness the following curious fluctuation: the original negative adverb is first weakened, then found insufficient and therefore strengthened, generally through some additional word, and this in turn may be felt as the negative proper and may then in course of time be subject to the same development as the original word. (Jespersen 1917: 4) ¹

Sendo assim, esta é uma proposta para a explicação deste fenômeno. Além disso, a partir das ideias apresentadas por Jespersen, uma teoria, denominada Ciclo de Jespersen, foi desenvolvida para a compreensão da ocorrência de diferentes estratégias negativas.

O Ciclo de Jespersen (CJ) é caracterizado, de uma forma geral, como um processo pelo qual haveria a mudança de posição do(s) elemento(s) negativo(s) nas línguas. O primeiro estágio do ciclo acontece com a ocorrência da erosão fonética do advérbio de negação original. Logo após essa modificação, um novo elemento negativo teria que surgir para suprir o caráter fraco que a negação original adquiriu. Sendo assim, haveria um estágio de dupla negação, no qual o novo elemento negativo seria opcional. Já, em um terceiro estágio, a segunda negação adquiriria um status de negação mais forte por sua ocorrência maior de uso, e, como consequência, por razões de economia

¹ “O histórico de expressões negativas em diversas línguas nos faz testemunhos da seguinte curiosa variação: o advérbio original de negação é, primeiramente, enfraquecido, então, ele se torna insuficiente e, logo mais, é fortalecido, geralmente, através de outra palavra adicional e essa mudança pode ser sentida como uma alteração na propriedade negativa e, então, com o passar do tempo estar sujeito ao mesmo desenvolvimento como a palavra original.” (Tradução livre).

linguística, o primeiro elemento negativo ganharia um caráter opcional. Por fim, a ocorrência da estabilização da ocorrência de uma negação pós-verbal seria fixada.

Como uma forma de ilustrar e justificar a existência do ciclo, Jespersen (1917) utiliza o exemplo da mudança das estratégias de negação sentencial no francês. Essa língua, em um estágio inicial do ciclo, apresentava a negação pré-verbal com o elemento de negação *ne*. Porém, um enfraquecimento fonético ocorreu com esse elemento e, então, surgiu a forma opcional de uma nova negação pré-verbal *pas*. Diferentemente do português, esse novo surgimento não é a repetição do mesmo operador negativo, mas sim a de um item de polaridade negativa *pas*, que traduzido para o português significa passo. Sendo assim, nesse primeiro estágio da mudança, o segundo componente negativo ficava restrito a ocorrência com verbos de movimento, como em: *Je ne cours (pas)*.² Entretanto, com o passar do tempo, essas restrições foram diminuindo e a ocorrência de *pas* em um número maior de contextos foi aumentando. O seguinte estágio do CJ no francês foi o da dupla negação obrigatória, no qual as unidades *ne* e *pas* tornaram-se obrigatórias para a efetivação semântica da negação sentencial. Por fim, como uma consequência da máxima de economia linguística, o componente original de negação *ne* adquiriu um caráter opcional, tornando o seguinte enunciado possível: *Je (ne) veux pas de lait*.³ Abaixo encontra-se uma formalização do CJ no francês:

(1)

I – Negação solitária 1: ON1 VP

II – Negação dupla opcional 1: ON1 VP (ON2)

III – Negação dupla obrigatória: ON1 VP ON2

IV – Negação dupla opcional 2: (ON1) VP ON2

V – Negação solitária 2: VP ON2⁴

Além do francês (Jespersen (1917), Larrivee (2010)), a literatura especializada aponta evidências da atual ocorrência dos estágios do CJ em diversas outras línguas, como o africâner (Biberauer (2009)), o italiano (Schwenter (2007), Zeijlstra (2008)), o catalão (Schwenter (2007), Zeijlstra (2004)), o brabantês belga (Neukermans (2008), Pauwels (1958)), o flamengo do oeste (Haegeman (2002)), Lewo (Early (1994)), o

² Eu não estou fugindo (não). (Tradução livre)

³ Eu não quero leite (não). (Tradução livre)

⁴ ON = Item negativo e VP = Verbo principal.

português falado no Brasil (Schwegler (1991), Schwenter (2004), Soares (2009), Sousa (2007), Souza, (2009), Furtado da Cunha (2001, 2007), Calvacante (2007), Camargos (2000), Goldnadel&Lima (2011a, 2011b), Goldnadel et al. (2011), Lima (2010)) e o russo (Tsurska (2009)). Ademais, a língua inglesa (Jespersen (2010), Wallage (2008)) é caracterizada como uma língua que já passou pelo processo completo do ciclo.

No que concerne à atual investigação, no âmbito das referências pesquisadas, não foram encontradas afirmações que incluam o Português Europeu Falado como uma variedade que tenha dupla negação não enfática. Cavalcante (2007) é um autor que afirma que o PE apenas apresentaria a negação canônica pré-verbal.

Logo, há um consenso entre os autores que investigam as diferentes estratégias de negação em relação à existência do Ciclo de Jespersen. Porém, as motivações para o surgimento dos fenômenos relacionados a essas estratégias são apontadas como tendo motivações diferentes. Alguns identificam-se com a explicação de erosão fonética proposta por Jespersen (1917) e outros seguem uma linha que vai ao encontro de explicações de uma ordem mais discursiva e pragmática.

Na próxima sessão, serão apresentados os autores que propuseram diversos esclarecimentos sobre o surgimento e ocorrência do fenômeno da dupla negação do português brasileiro.

1.2 Estudos sobre dupla negação no Português Brasileiro

Há uma ampla bibliografia que investiga dupla negação. O português brasileiro falado é a variedade mais estudada sendo as regiões Nordeste e Sudeste do Brasil as mais investigadas em relação ao fenômeno de que trata este trabalho. Dentro desse quadro de pesquisa, autores como Furtado da Cunha (2007), Sousa (2007), Cavalcante (2007), e Schwenter (2004) exercem um papel importante na compreensão das motivações para a ocorrência do fenômeno da dupla negação no PB. Portanto, nesta seção, serão apresentados breves resumos dos principais achados desses autores, que contribuíram para o debate da questão de pesquisa da presente investigação.

Furtado da Cunha (2007), inserindo-se em uma abordagem funcional da linguística, propõe uma análise de dados baseada em um corpus falado e em outro escrito para a avaliação das principais motivações das diferentes estratégias de negação sentencial no PB. A região estudada por essa autora é a Nordeste, e os dados analisados são provenientes de estudantes de diversos graus escolares, advindos de instituições

públicas e privadas. Os resultados centrais de sua pesquisa sugerem que, na escrita, a ocorrência da negação canônica é predominante, sendo as formas inovadoras de estratégias de negação majoritariamente utilizadas em discursos orais e coloquiais. Além disso, a autora constata que, quanto maior o nível de escolaridade menor é o aparecimento de formas inovadoras nos dados. Em relação aos contextos mais favoráveis ao uso de dupla negação, a autora afirma que excertos em que ocorrem pausa temática são propulsores para a ocorrência do fenômeno.

Para explicar o que motivaria o estabelecimento do Ciclo de Jespersen em língua portuguesa, a autora lança mão dos conceitos de iconicidade e gramaticalização. A autora compreende que há uma recorrente erosão fonética no elemento negativo canônico *não*, o qual se transforma em *num* nesse processo. Ou seja, com esse enfraquecimento fonético há, também uma perda semântica, que é repostada por um segundo *não* pós-verbal. Essa reposição seria uma etapa da mudança na qual haveria o acréscimo de um segundo operador de negação. Isso se daria, pelo princípio da iconicidade, segundo o qual, quanto mais irrelevante e imprevisível é a informação maior a estrutura informacional. Além disso, haveria uma etapa posterior, que é caracterizada pelo apagamento do primeiro operador de negação, fazendo com que as estruturas negativas contivessem, apenas, um elemento de negação pós verbal. Ademais, essa etapa seria caracterizada por uma motivação de encomia linguística. Logo, o fenômeno da DN é considerado como uma etapa de um processo de gramaticalização das estratégias de negação sentencial do PB. Ou seja, a referida autora compõe uma linha de pensamento que vai ao encontro com Jespersen no que concerne às razões para a existência de diferentes tipos de negação sentencial.

A autora Lilian de Sousa (2007) também insere-se em uma linha que considera que a dupla negação faz parte de um processo de gramaticalização das estratégias negativas em PB. Ou seja, para essa autora, haveria uma redução fonética dos itens negativos, o que ocasionaria o aparecimento da estratégia da dupla negação. Em sua dissertação, Sousa realizou uma pesquisa com dados da cidade de Mariana, de Minas Gerais, que são baseados em entrevistas informais divididas por faixa etária. O objetivo dessa investigação foi discutir em qual etapa de gramaticalização encontrava-se negação em PB. Através de análises acústicas, os principais resultados encontrados foram que existem cinco realizações fonéticas da negação: [nã], [num], [nu], [ũ] e [n']. Além disso, Sousa afirma que há restrições de ocorrências das realizações de *num* e *nu*: não podem ocorrer sozinhas em respostas às perguntas, não podem ser topicalizadas e não

podem ocorrer em contextos pós-verbais. Outra questão levantada a partir de seus resultados é que haveria uma tendência à redução da duração dos segmentos negativos em PB. Por fim, a análise da autora propõe uma hipótese de que a negação em PB caminha para a etapa de afixo, dentro do processo de gramaticalização. Ou seja, no que concerne à dupla negação, ela se encaixaria dentro de uma etapa desse processo de redução fonética dos itens negativos, fazendo com que teoria de Sousa se insira na linha de pensamento que considera a existência de diferentes estratégias de negação como um fenômeno explicado pelo Ciclo de Jespersen.

Já Cavalcante (2007) realizou uma pesquisa que contém a descrição dos usos das duplas negativas e negativas finais, na perspectiva da sociolinguística variacionista. O corpus utilizado é composto de entrevistas retiradas de três comunidades afro-brasileiras do interior da Bahia, ou seja, a variedade estudada foi investigada em um dialeto de comunidades formadas a partir de antigos quilombos, que foram fortemente influenciadas pelo contato linguístico. As ocorrências das diferentes estratégias de negação encontradas em seu conjunto de dados são as seguintes: NEG 1 -66%, NEG 2 - 28 % e NEG 3 - 6%. Considerando o corpus, o autor chega a algumas interessantes conclusões acerca desses fenômenos da negação em PB. Cavalcante acredita que o surgimento do *não* pós-verbal pode não estar relacionado ao enfraquecimento do pré-verbal. As principais considerações feitas pelo autor sobre as três estratégias são as seguintes: a NEG 1 seria uma estrutura não marcada, que é utilizada em contextos de negação de uma sentença declarativa, já a NEG 2 é utilizada para recusar oferta e sugestões ou para rejeitar uma asserção previamente mencionada ou pressuposta pelos interlocutores, além disso, esse tipo de estratégia seria desfavorável em orações encaixadas. Em relação aos contextos de ocorrência de NEG 3, o autor afirma que esse uso não aparece em sentenças encaixadas nem em construções que envolvem topicalização. Por fim, o contexto pergunta/resposta favoreceu o aparecimento de NEG 3 nos dados. De uma forma geral, Cavalcante considera que há uma relação de proporcionalidade com os fatores isolamento e presença africana em uma comunidade e o número de ocorrências de NEG 2 e NEG 3 e que os contextos favorecidos para a ocorrência dessas negações seriam os que possuem pressupostos ativados, por um interlocutor, numa situação de diálogo. Além disso, na visão do autor, essas variáveis conjugam, simultaneamente, aspectos linguísticos e discursivos entre si e fatores sociais estão presentes nesses fenômenos. Logo, o autor chega à conclusão de que NEG 2 e 3 seriam o resultado de contato linguístico.

Por fim, cito o autor Schwenter (2004), que apresenta considerações relevantes acerca de esclarecimentos sobre as motivações para o surgimento de diferentes estratégias de negação em PB. Em seu artigo “*The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese*” o autor faz uma contribuição ao introduzir, através de uma análise de dados, a demonstração que há importantes diferenças pragmáticas entre as três estratégias negativas coexistentes em PB. Schwenter critica estudos prévios que consideram que as formas não canônicas de negação em PB são enfáticas ou formas de reforço negativo. Ou seja, este autor afirma que diferenças na estrutura informacional seriam as motivadoras para o surgimento das diversas estratégias. Ademais, ele cria a hipótese de ativação que expõe que o status do discurso ativado e não ativado é que estaria envolvido no uso de negações não canônicas. Com isso, ele questiona a noção de pressuposição utilizada para justificar o uso de dupla negação. Essa noção diz que a proposição negada por um item negativo é pressuposta entre os interlocutores, porém ele afirma que essa proposição não é necessariamente pressuposta, mas sim ativada no discurso. Logo, a contribuição de Schwenter, de uma forma geral, acrescenta que há restrições de cunho discursivo e relacionadas ao contexto nos usos de formas não canônicas de negação.

Goldnadel et al (2013) realiza um estudo sociolinguístico sobre os usos de estratégias de negação sentencial com dados de entrevistas realizadas na Região Sul do Brasil no início da década de 90 (dados do VARSUL), momento em que os usos de NEG2 eram ainda incipientes na região. Nesse estudo, os autores incluíram, entre as variáveis investigadas, a variável ativação no discurso. O objetivo foi identificar o peso estatístico dessa variável na produção de enunciados negativos. Os resultados apontaram para uma forte correlação entre ativação no discurso e uso de NEG2 (no corpus investigado não havia ocorrência de NEG3).

Nesta seção, foram apresentadas as principais contribuições que tratam do fenômeno de coexistência de três estratégias negativas em PB. Esse panorama é essencial para a compreensão das motivações para a realização da presente pesquisa. Na seção seguinte, será apresentada a investigação proposta por Lima (2013), que elabora a hipótese de manutenção tópica, considerada fundamental para o desenvolvimento da proposta central deste trabalho.

2 O CONTEXTO DA PESQUISA

2.1 Motivações pragmáticas para o surgimento da dupla negação no Português Brasileiro

Com o objetivo de expandir as discussões sobre as possíveis causas para o surgimento das estratégias da dupla negação em PB, Goldnadel et al. (2011) produziram um artigo intitulado “*Estratégias de Negação Sentencial na Região Sul do Brasil: Levantamento a partir dos dados do projeto VARSUL*”. É importante ressaltar que esse trabalho insere-se entre as pesquisas que buscam uma explicação pragmática para o surgimento de formas inovadoras de negação sentencial, perspectiva também adotada pela presente pesquisa. Para tanto, realiza uma análise de dados de entrevistas sociolinguísticas realizadas nas três capitais dos estados que compõem a região Sul do Brasil: Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre. Esses dados fazem parte do projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) que tem por objetivo geral:

A descrição do português falado e escrito de áreas socioculturalmente representativas do Sul do Brasil. Conta com a parceria de quatro universidades brasileiras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Paraná. O projeto constitui-se de: Banco de Dados VARSUL, Amostra Digital VARSUL e Banco de Dados Diacrônico. O VARSUL tem como propósito oferecer: (i) subsídios para a descrição do português falado e escrito no Brasil; (ii) condições para teste e desenvolvimento de teorias linguísticas; (iii) condições para formação de novos pesquisadores; (iv) subsídios para programas educacionais, promovendo o conhecimento e o respeito às variedades linguísticas. (<http://www.varsul.org.br/> acesso em 02/11/2014)

O artigo citado preocupa-se, de um modo geral, em acrescentar novos elementos de análise ao panorama dos estudos do fenômeno das diferentes estratégias de negação existentes no PB, incluindo dados da região Sul, já que na literatura especializada predominam investigações sobre as regiões Nordeste e Sudeste do país. Além disso, há o objetivo de verificar se essa região apresenta níveis representativos de negações não-canônicas e também de avaliar a influência dos fatores linguísticos e sociais nesses eventuais usos. A motivação principal da pesquisa foi a verificação da hipótese de Schwenter (2004), de acordo com a qual todas as línguas que passaram pelo Ciclo de Jespersen experimentaram um estágio inicial com enunciados de dupla negação cumprindo a função de marcar conteúdos ativados no discurso. Os autores também

afirmam que, levando em consideração a grande extensão territorial do Brasil, seria possível a ocorrência de diversos estágios das estratégias negativas dependendo da região estudada. Ademais, a região Sul por ser uma área geográfica considerada conservadora e que apresenta poucas ocorrências de DN seria ideal para a verificação da hipótese de Schwenter. Outro aspecto interessante apontado nessa investigação é que a região Nordeste por demonstrar mais ocorrências de diferentes estratégias negativas teria restrições de uso menos operantes.

De uma forma geral, os dados analisados foram baseados em entrevistas do VARSUL (9 de Curitiba, 11 de Porto Alegre e 9 de Florianópolis) realizadas entre as décadas de 80 e 90. As ocorrências das três estratégias de negação foram as seguintes:

Tabela 1:

	Porto Alegre	Curitiba	Florianópolis
<i>NEG 1</i>	1402	1371	1018
<i>NEG 2</i>	8	37	47
<i>NEG 3</i>	0	0	0

Levando em consideração a quantidade de negações não canônicas nas três capitais, os autores fizeram uma análise mais detalhada dos dados de Florianópolis, por ser a capital que apresentou um maior número de ocorrências de NEG 2. Os resultados da análise foram os seguintes: (1) há um favorecimento da dupla negação em contexto de resposta e o seu aparecimento em uma posição inicial do turno, (2) a DN aparece, de uma forma geral, em orações absolutas, (3) a maioria das ocorrências possuem um status informacional de veiculação de conteúdo ativado, porém há cinco casos em que essa condição não se aplica e (4) nível de instrução apresentou influencia na quantidade de usos, ou seja, quanto maior o grau de escolaridade, menores foram as ocorrências de dupla negação. Por fim, as variáveis consideradas estatisticamente relevantes foram: status informacional do conteúdo negado, tipo de oração, escolaridade e posição da frase no turno.

Em relação às conclusões apresentadas, vale ressaltar a terceira, segundo a qual a maioria das orações de dupla negação analisadas veicula conteúdo discursivamente ativado. Sendo assim, o estudo empírico realizado oferece algum suporte para a suposição de Schwenter, a de que orações com dupla negação cumprem a função pragmática de vincular conteúdo ativado. É importante mencionar ainda o fato de que os

contraexemplos à hipótese encontrados nos dados apresentam algumas características que podem interferir no uso da dupla negação⁵, que exigiriam mais alguma reflexão a respeito de fatores intervenientes, mas que não necessariamente invalidam a hipótese levantada.

2.1.1 A hipótese da manutenção tópica

Lima (2013), motivada pela hipótese levantada por Schwenter de ativação de conteúdo, dá início à formulação de uma proposta mais elaborada de explicação da motivação pragmática para o surgimento de estratégias alternativas de negação. Segundo a autora, as sentenças NEG2 cumprem a função pragmática de sinalizar manutenção tópica. A seguir a sua proposta.

Em seu estágio inicial de uso, a dupla negação cumpre a função de marcar continuidade tópica (manutenção de tópico). Sendo assim, está sujeita a duas restrições:

- a. veicular proposições que expressam conteúdo tópico ativo ou acessível;
- b. ser seguida por porção de texto que mantém o tópico em curso. (LIMA, 2013 p. 95)

O que a dissertação da autora indica é que, mais do que ativação, o uso de enunciados de dupla negação relaciona-se à topicalidade do conteúdo expresso. Em sua perspectiva, a dupla negação cumpre a função de manutenção tópica, o que remete a uma concepção de acordo com a qual a estrutura inovadora exerce um papel na organização do discurso, sendo um recurso que o falante dispõe para indicar o assunto desenvolvido. A presente investigação procura aprofundar a hipótese de Lima (2013) sobre as motivações pragmáticas para o uso de DN em um dos seus estágios iniciais.

⁵ Em alguns enunciados que contrariam a hipótese (em que o conteúdo está ativado no discurso), por exemplo, a oração com dupla negação é adversativa. A explicação para o fato de que orações adversativas diminuem as restrições supostas para os usos de dupla negação depende de uma apreciação sobre os efeitos pragmáticos desse tipo de oração, tarefa que não está no escopo deste trabalho.

2.2 Desenvolvimento da hipótese central

2.2.1 A noção de tópico e comentário

Alguns esclarecimentos são essenciais para a compreensão da hipótese central que será apresentada. Primeiramente, os conceitos de tópico e comentário, baseados em Van Kuppevelt (1995), são definições importantes para a elaboração da hipótese.

Antes da apresentação desses conceitos é necessário esclarecer as convenções adotadas em Van Kuppevelt (1996). O autor adota a letra F (maiúscula) para indicar a presença de um feeder, responsável por estabelecer um tópico. A letra Q (maiúscula) é usada para indicar a presença de uma (sub)questão que estabelece um (sub)tópico sentencial. A letra A (maiúscula) é usada para indicar presença de uma resposta uma (sub)questão, que consiste no comentário ao tópico estabelecido anteriormente. Os parênteses angulados (< >) são usados para indicar que uma determinada (sub)questão que estabelece um (sub)tópico não foi realizada explicitamente.

O termo tópico estabelece uma relação intrínseca com o “*aboutness*” dos enunciados e seria elaborado por questões. Esse processo de elaboração de questões que compõem o discurso envolve três parâmetros funcionais: *feeder*, *questões que constituem o tópico* e *subquestões que constituem o subtópico*.

Em relação ao tópico, o autor afirma que a sua construção é realizada através de questões hierarquicamente organizadas no discurso. Abaixo há um exemplo que ilustra essa definição:

A: Late yesterday evening I got a lot of telephone calls.
Q₁ B: Who call you up?
 A₁ A: John, Peter and Harry called me up.⁶

Neste diálogo o tópico é introduzido pela Q₁ “Who call you up?”. Ou seja, esta questão é induzida contextualmente e é explícita.

Além de questões explícitas que estabelecem o tópico, Van Kuppevelt reconhece a existência de questões implícitas, conceito importante para compreender-se o modo como avança o discurso. Como foi explicado o tópico é elaborado através de questões, porém essas questões podem ser ou não proferidas no discurso. Uma questão que é

⁶ A: Ontem à noite eu recebi muitos telefonemas.
 B: Quem ligou?
 A: John, Peter e Harry me ligaram. (Tradução livre)

implícita é aquela que o falante antecipa que irá surgir na mente do ouvinte na interpretação das sentenças de um discurso. Em outras palavras, o falante entende que o ouvinte necessita de uma resposta de uma questão induzida implicitamente para a compreensão e interpretação satisfatória do discurso proferido. Abaixo há um exemplo, no qual parênteses angulados significam que a questão é implícita:

- A: Today the workers of the Philips computer division went on strike.
 <Q₁> <Why?>
 A₁ They are very worried about the manager's new economy plans.
 <Q₂> <Why?>
 A₂ According to these plans, the managers would consider moving the production section abroad.
 <Q₃> <Why are the workers so worried about this?>
 A₃ This would imply that 300 of all those employed in this division would be dismissed.
 <Q₄> <Why are the workers so worried about this?>
 A₄ The imminent dismissal would concern the lowest-paid.⁷

No trecho acima, retirado pelo autor de uma notícia de jornal, nenhuma das perguntas entre parênteses foi realmente redigida. São perguntas virtuais, que parecem estar norteando as escolhas textuais efetivamente realizadas. Sendo assim, as questões supostas parecem estar contribuindo para a construção do texto. Essas questões poderiam ter sido feitas explicitamente, não acarretando mudança em sua compreensão lógica. Então, fica aparente a importância do conceito de tópico que é estruturado através de questões implícitas ou explícitas.

Eventualmente, uma resposta a uma questão que estabelece um tópico do discurso não é satisfatoriamente respondida. São casos em que ainda resta uma *subquestão* a ser respondida a fim de que se possa considerar que tenha sido dada uma resposta completa ao tópico introduzido. A diferença entre questão e subquestão é que as subquestões não são autônomas no discurso, sendo sempre dependentes de uma questão superordenada que constituiu o (sub)tópico sentencial. A seguir há uma ilustração desse conceito:

- F₁ A: Marry is worried.
 Q₁ B: Why?

⁷ A: Hoje os trabalhadores da divisão de computadores da Philips entraram em greve. Eles estão muito preocupados sobre os planos de nova economia dos diretores. De acordo com esses planos, os diretores considerariam mudar a seção de produção para fora do país. Isto implicaria que 300 de todos os empregados desta divisão ficaria desempregados. E a demissão iminente preocuparia os que recebem baixos salários. (Tradução livre)

- A₁ A: John, her husband, wants to buy a DAT-recorder.
 Q₂ B: Why is she worried about that?
 A₂: A: She is worried about that because he doesn't have enough money, so he has to borrow it.
 Q₃ B: Why is that a problem?
 A₃ A: He already has a lot of debts.⁸

O exemplo acima mostra como as afirmações de A não foram suficientes para a compreensão total da situação sobre o porquê da preocupação de Mary, e, assim, diversas subquestões foram introduzidas a fim de solucionar essa incompreensão. É nesse sentido que as subquestões servem como um apoio a algo que não foi totalmente compreendido anteriormente.

Outro conceito essencial estabelecido por Van Kuppevelt é o de comentário. O comentário consiste em uma resposta dada a uma (sub)questão. Abaixo há o seguinte exemplo:

- F: A: This weekend Jim sold his old car.
 Q₁ B: To whom?
 A₁ A: He sold it to someone living in his own apartment building.
 Q₂ B: Who was it?
 A₂ A: The new tenant from Holland.⁹

O contexto acima demonstra que os comentários A₁ e A₂ são respostas às questões que constituem os tópicos. Logo, o discurso, de uma forma geral, seria derivado de uma estrutura hierarquizada de tópico-comentário que é induzida contextualmente, como é demonstrado nos exemplos apresentados.

Por fim, o último conceito definido por Van Kuppevelt que nos interessa neste trabalho é o de *feeder*. Essa noção vem do fato de que as questões explícitas e implícitas que constituem os tópicos sentencial não surgem do nada, elas são contextualmente induzidas por eventos que podem ou não ser linguísticos. Esses eventos são denominados *feeders*, sendo unidades sem um tópico intrínseco. Objetivamente, são

⁸ A: Mary está preocupada.

B: Por quê?

A: John, o seu marido, quer comprar um gravador DAT.

B: Por que ela está preocupada?

A: Ela está preocupada porque ele não tem dinheiro suficiente e teve que pedir emprestado.

B: Por que isto é um problema?

A: Ele já está endividado. (Tradução livre)

⁹ A: Esta semana Jim vendeu seu antigo carro.

B: Para quem?

A: Ele vendeu para alguém que está morando em seu prédio.

B: Quem é?

A: O novo inquilino da Holanda. (Tradução livre)

porções de discurso ou eventos não linguísticos responsáveis pelo estabelecimento de temas sobre os quais o discurso pode desenvolver-se¹⁰. Um exemplo de *feeder* linguístico pode ser observado abaixo:

- F₁ A: Yesterday evening a bomb exploded near the Houses of Parliament.
 Q₁ B: Who claimed the attack?
 A₁ A: A well-known foreign pressure group which changes its tactics claimed the attack.¹¹

O exemplo acima mostra que o *feeder* serve como um “gatilho” para o início da conversação, ou seja, é como se o contexto estivesse esvaziado e o *feeder* servisse para preenchê-lo.

Feitas essas considerações, na próxima seção, será apresentada a hipótese central do trabalho.

2.2.2 A hipótese central

Os conceitos apresentados na seção anterior serviram para propor a elaboração de uma hipótese para o surgimento de enunciados de dupla negação em língua portuguesa, apresentada a seguir.

Hipótese Central (1):

Em um de seus estágios iniciais, a dupla negação em português falado cumpre uma dupla função: (1) apresentar comentário a um (sub)tópico precedente e (2) sinalizar uma continuidade tópica, ou seja, estimular a criação de (sub)tópico subsequente.

Sendo assim, é necessário investigar a ocorrência de NEG2, no momento de surgimento, nas diversas variedades do português. Este trabalho dedica-se a investigar o fenômeno da dupla negação em duas áreas geográficas que podem ser consideradas, com razoável segurança, áreas em que NEG2 está surgindo: Região Sul do Brasil e Lisboa, Portugal.

¹⁰ Para o autor, o *feeder* é a estrutura discursiva responsável pelo estabelecimento de um tópico discursivo, conceito mais abrangente do que o de tópico sentencial apresentado neste trabalho. Por razões de espaço, o conceito de tópico discursivo não será aqui apresentado.

¹¹ A: Ontem no fim do dia um bomba explodiu perto do Parlamento.

B: Quem assumiu a autoria do ataque?

A: Um grupo de pressão estrangeiro conhecido que mudou sua tática assumiu a autoria do ataque. (Tradução livre)

Nas próximas seções, a hipótese deste trabalho será testada a partir de dois tipos de investigação. Num primeiro momento, analisam-se qualitativamente entrevistas sociolinguísticas das duas áreas mencionadas. Em um segundo momento, aplicam-se testes de percepção com falantes dessas mesmas áreas.

2.2.3 Análise das entrevistas do VARSUL

Além dos conceitos propostos por Van Kuppevelt, a análise das entrevistas sociolinguísticas revelou a necessidade de identificação de novas categorias descritivas não reconhecidas no trabalho do autor. Percebeu-se que, além da categoria do *feeder*, é necessário considerar a existência de *subfeeders*, responsáveis pelo estabelecimento de subtópicos, que nada mais são do que digressões do falante a serviço do desenvolvimento do tópico. Por não lidar com discurso oral, Van Kuppevelt também não sentiu a necessidade de considerar as interrupções, muito comuns em entrevistas sociolinguísticas. Essas duas categorias de análise – *subfeeders* e interrupções – motivaram, na presente análise, a utilização dos símbolos SF (para *subfeeder*) e INTER (para interrupções). Por fim, uma notação simbólica adicional foi criada para indicar a existência de questões produzidas de modo inferencial a partir de enunciados utilizados nos diálogos analisados. Ocorre que, em alguns casos, a questão que estabelece um tópico sentencial não é expressa de modo literal, sendo produzido por algum mecanismo inferencial. Nesses casos, optou-se por envolver tanto o símbolo escolhido para indicar a questão tópica (Q) quanto o próprio conteúdo inferencialmente ativado com colchetes ({ }).

O trecho a seguir, extraído de uma entrevista sociolinguística feita na cidade de Porto Alegre na década de 90, apresenta um enunciado com dupla negação em final de turno.

E: Tem problema de assalto?

F: Ah, isso tem em tudo que é lugar, né? Aqui é... Não sei, às vezes a minha filha que estuda de noite vem. Sai vinte pras onze, ou dez e meia ela sai lá do colégio. Sobe às vezes onze horas aí. Que às vezes a Jane fica – a minha esposa se perde pra encontrar ela e elas saem mais cedo do colégio, entendeu? Então ela não gosta de ficar esperando na parada ela pega e vem sozinha, né? Não gosta de ficar parada. **Não sei, até agora não tem problema nenhum não.**

E: É bem diferente de lá onde eu moro (risos)

F: É?

E: Bom, também, aqui o pessoal deve conhecer, também-

F: É. Mais o pessoal conhecido, vizinho aí, né? A não ser que – pode acontecer, pessoal vem de outro lugar aí, né? De outra zona aí pega e faz algum negócio pra-

A seguir, apresenta-se a uma proposta de análise para o trecho acima.

Q1 Tem problema de assalto?

A1a Ah, isso tem em tudo que é lugar, né? Aqui é...

SF Não sei, às vezes a minha filha que estuda de noite vem

<Q2> <O que acontece?>

A2 Sai vinte pras onze, ou dez e meia ela sai lá do colégio.

<Q3> <O que acontece?>

A3 Sobe às vezes onze horas aí.

<Q4> <O que acontece?>

A4 Que às vezes a Jane fica – a minha esposa se perde pra encontrar ela

<Q5> <Por que a esposa não encontra a filha na parada?>

A5 elas saem mais cedo do colégio, entendeu?

<Q6a> <Por que a filha vem sozinha?>

A6 Então ela não gosta de ficar esperando na parada

<Q7> <O que acontece?>

A7 ela pega e vem sozinha, né?

<Q6b> <Por que a filha vem sozinha>

A6b Não gosta de ficar parada.

A1b Não sei, até agora não tem problema nenhum não.

E: É bem diferente de lá onde eu moro (risos)

F: É?

E: Bom, também, aqui o pessoal deve conhecer, também-

F: É. Mais o pessoal conhecido, vizinho aí, né? A não ser que – pode acontecer, pessoal vem de outro lugar aí, né? De outra zona aí pega e faz algum negócio pra-

A análise acima procura explicitar a estrutura de tópico comentário da fala do entrevistado depois que o entrevistador estabelece, a partir da pergunta formulada, o

tópico “problema de assalto no bairro”. O primeiro enunciado do entrevistado apresenta a resposta, que se constitui no comentário. Entretanto, em um segundo momento, o entrevistado parece querer elaborar melhor o comentário. Para isso, inicia uma narrativa pessoal, que constitui um subtópico ativado pelo *subfeeder* “Não sei, às vezes a minha filha que estuda de noite vem”. A partir daí, sucedem-se vários enunciados que se organizam em uma estrutura de tópico comentário para satisfazer a exigência de desenvolvimento estabelecida pelo *subfeeder*. Essa digressão vai, de alguma forma, elaborando o discurso do tópico inicialmente estabelecido. A sua retomada é realizada, então, pelo último enunciado, uma dupla negação cuja função parece ser exatamente a de promover um retorno ao tópico inicialmente estabelecido. Além disso, parece indicar a disposição do falante de aceitar a continuação do desenvolvimento do mesmo tópico por parte do entrevistador, o que se confirma pela observação da porção subsequente de discurso.

O segundo trecho, extraído de uma entrevista sociolinguística feita na cidade de Porto Alegre, nos anos 90, apresenta um enunciado com dupla negação em meio de turno.

F: (...) A única coisa que faz a minha cabeça mesmo é a minha família. Essa aí faz a minha cabeça, né? Meus filhos. A minha esposa, esses aí, sim.

E: E sete.

F: É. Esses aí fazem, é.

E: Vivía com um lá na minha casa e já ficava louca!

F: Já é difícil, né? Minha filha mais velha agora está pra casar agora em setembro do ano que vem, ela vai casar, né? Então já planejaram, já marcaram tudo. Aí sempre diz: “Olha, no mínimo um caszinho, né?” Mais do que dois nós não aconselhamos a ter porque é bah! **Não é fácil não**. Do jeito que está o negócio, não. Carne e café preto então. (riso geral)

I: Essa aí eu sei que gosta de café preto. Tu eu não sei.

E: Só as visitas que ganham café aqui.

F: É, é.

I: Ai até já esfriou aqui.

F: Bota outra, então.

A seguir, apresenta-se a uma proposta de análise para o trecho acima.

Fa (...) A única coisa que faz a minha cabeça mesmo é a minha família. Essa aí faz a minha cabeça, né? Meus filhos. A minha esposa, esses aí, sim.

{Q1} E sete. {Muitos filhos dá muito trabalho?}

Fb É. Esses aí fazem, é.

{Q1} Vivia com um lá na minha casa e já ficava louca! {Muitos filhos dá muito trabalho?}

A1 Já é difícil, né?

SF Minha filha mais velha agora está pra casar agora em setembro do ano que vem, ela vai casar, né?

<Q2> <Já está decidido?>

A2 Então já planejaram, já marcaram tudo.

<Q3> <Houve alguma recomendação?>

A3 Aí sempre diz: “Olha, no mínimo um caszinho, né?” Mais do que dois nós não aconselhamos a ter

<Q4> <Por que essa recomendação?>

A4 porque é bah!

A1b **Não é fácil não.**

<Q5> <Por que não é fácil?>

A5 Do jeito que está o negócio, não.

<Q6> <Por que o negócio está desse jeito?>

A6 Carne e café preto então (riso geral)

A análise acima procura explicitar a estrutura de tópico comentário da fala do entrevistado depois que o entrevistador estabelece, primeiramente, a partir da afirmação, “E sete” o tópico “ter muitos filhos dá trabalho”. Logo após, o falante parece não compreender o estabelecimento desse tópico e continua dissertação sobre “o que faz a cabeça dele”. Porém, depois da segunda afirmação do entrevistador “Vivia com um lá na minha casa e já ficava louca!” o tópico é aceito e compreendido pelo falante. O terceiro enunciado do entrevistado apresenta a resposta, que se constitui no comentário. Entretanto, em um segundo momento, o entrevistado parece querer elaborar melhor o comentário. Para isso, inicia uma narrativa pessoal, que constitui um subtópico discursivo ativado pelo *subfeeder* “Minha filha mais velha agora está pra casar agora em setembro do ano que vem, ela vai casar, né?”. A partir daí, sucedem-se vários enunciados que se organizam em uma estrutura de tópico comentário para satisfazer a

exigência de desenvolvimento estabelecida pelo *subfeeder*. Essa digressão vai, de alguma forma, elaborando o discurso do tópico inicialmente estabelecido. A sua retomada é realizada, então, pelo enunciado, uma dupla negação cuja função parece ser exatamente a de promover um retorno ao tópico inicialmente estabelecido. Além disso, parece indicar a disposição do falante de continuar do desenvolvimento do mesmo tópico, o que se confirma pela observação da porção subsequente de discurso que continua o tópico em curso.

No Português Falado Brasileiro é importante que sejamos cautelosos ao afirmar que ele esteja passando por um processo de mudança diacrônica no que diz respeito às estratégias de negação atuantes, por serem coexistentes, em diferentes níveis e em todo o território nacional, de uma forma geral. Além disso, outro ponto a ser acrescentado nesse panorama é que o fenômeno estudado tem uma relação com as negações que são não enfáticas. Ou seja, na estratégia da NEG 2, nós nos ocupamos em pesquisar as ocorrências de frases como “Eu não quero não” nas quais haja um declínio do da entonação no segundo item negativo. Logo, em casos com um aumento da entonação do segundo elemento são classificados como negações enfáticas¹² e não são o foco desse estudo.

2.3 Desenvolvimento da Hipótese Adicional

2.3.1 Estudos prévios sobre dupla negação em PE

Considerando-se as variedades de português existentes, há um amplo estudo dos fenômenos de negação atuantes em Português Brasileiro. Já, no âmbito das bibliografias investigadas, o Português Europeu (PE) é classificado como uma variedade que não possuiria variação em estruturas negativas, como afirma Cavalcante (2007). Além disso, Hagemeijer (2003) em seu artigo intitulado “Elementos polares na periferia direita: negação aparentemente descontínua, afirmação enfática e tags” admite a ocorrência de NEG2 em PE.

(Neg2) é, por um lado, discursivamente legitimada em contextos em que proposição foi activada no discurso anterior (cf. Schwenter ms. para o PB) e

¹² As negações enfáticas, além de apresentarem diferenças entonacionais, também exercem funções pragmáticas diversas no discurso em relação às não enfáticas. Entretanto, fica evidente a necessidade de uma investigação mais aprofundada para o estabelecimento das diferenças pontuais entre esses dois tipos de estratégias negativas em português.

tem, por outro, um valor de intensificação de negação. (HAGEMEIJER, pg. 470, 2003)

A contribuição do autor é importante por reconhecer o uso de NEG2 em português europeu, porém Hagemeijer aponta apenas o valor intensificador da negação, que não caracteriza os corpora de português europeu analisados no presente trabalho, que contêm quantidade significativa de casos de dupla negação que não apresentam um aumento da entonação do segundo item negativo, não podendo ser classificados como negações intensificadoras, como supõe o autor. A hipótese adicional deste trabalho, relativa ao português europeu, a ser apresentada a seguir, considera justamente os casos de dupla negação não enfática.

Sendo assim, na literatura pesquisada não são mencionados casos em que se admite dupla negação não enfática, ou não intensificadora em PE, observação que entra em conflito com o que se encontra nos dados considerados neste trabalho.

2.3.2 A hipótese adicional

Baseada na hipótese central e na recolha de dados realizada nesta pesquisa uma hipótese adicional foi elaborada, levando em consideração o PE.

Hipótese adicional (2)

O Português Europeu Falado estaria em um dos estágios iniciais de utilização de dupla negação não enfática, respeitando as mesmas restrições existentes nas ocorrências desse fenômeno na região Sul do Brasil.

A construção dessa hipótese é baseada em dois principais indícios da existência do fenômeno em PE: uma análise de dados advindos de trechos de fala espontânea dos anos 90 e 2010 com ocorrências de DN e a aplicação de um teste de percepção em falantes nativos da cidade de Lisboa.

Além disso, é importante ressaltar que a consideração de que o PE estaria em um dos estágios iniciais do fenômeno é baseada no reduzido número de ocorrências de DN nos dados analisados, fato muito próximo ao encontrado na análise dos dados do VARSUL em estudos prévios.

Na próxima seção será apresentado um quadro com as ocorrências de DN em PE e respectivas análises fundamentadas em Van Kuppevelt.

2.3.2 Análise das entrevistas do Português Europeu

Nessa seção há a comparação de dados (entrevistas sociolinguísticas) de diferentes épocas, advindos de duas principais fontes, a primeira é do banco de dados disponibilizado online do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa que é caracterizado como:

Uma unidade de Investigação & Desenvolvimento integrada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A actividade do CLUL segue duas orientações fundamentais: por um lado, a investigação teórica e experimental e, por outro, a disponibilização de materiais e ferramentas. O CLUL é um espaço de diálogo entre áreas tradicionais e áreas mais recentes dos estudos da linguagem, acolhendo no seu domínio a filologia, a dialectologia, a linguística histórica, a linguística comparada, a linguística teórica, a linguística computacional, a linguística experimental, a linguística clínica, a psicolinguística e as tecnologias da fala. O CLUL está igualmente empenhado na interacção com outras áreas de investigação. O CRPC é composto por 309,8 milhões de palavras provenientes de textos escritos e 1,6 milhões de palavras provenientes de transcrições de gravações de registos orais. É considerado um corpus de referência na medida em que os textos escritos foram sujeitos a um processo de amostragem previamente à sua inclusão no corpus.

Tipos de texto

O CRPC abrange diversos tipos de textos escritos: literário, jornalístico, técnico, científico, didáctico, folhetos, decisões do Supremo Tribunal de Justiça, sessões parlamentares, etc. O CRPC é também constituído por um subcorpus oral que inclui discurso formal e informal. Este subcorpus cobre diferentes tipos de interacção: monólogos, diálogos, conversas, telefonemas, leituras, homilias, etc.

Datação

O CRPC contém textos da segunda metade do século XIX até 2006, embora a maioria dos textos seja posterior ao ano de 1970.

Variedades do Português

Os textos incluídos no CRPC pertencem maioritariamente à variedade europeia do Português, mas encontram-se também representadas no corpus outras variedades nacionais, como o Português do Brasil, de África (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe) e da Ásia (Macau, Goa e Timor-Leste).

(<http://www.clul.ul.pt/pt> acesso em 02/11/2014)

Da referida origem, foram recolhidos excertos de fala espontânea de três diferentes décadas (70, 80 e 90).

Já a segunda fonte utilizada é originária de um projeto sociolinguístico¹³ desenvolvido pela professora Isabella Paoletti na Universidade Nova de Lisboa. O acesso a esses dados foi possível por uma autorização prévia da pesquisadora. Ademais, os dados recolhidos do banco de dados dessa pesquisa são, majoritariamente, datados entre os anos de 2012 e 2014. São excertos que trazem um quadro comparativo mais atual do fenômeno estudado.

No total, foram analisadas 25 entrevistas dos anos 70, 5 entrevistas dos anos 80, 20 entrevistas dos anos 90 e 20 entrevistas da década de 2010. É importante salientar que o número de entrevistas analisadas foi delimitado pela quantidade que foi disponibilizada pelo site da Universidade de Lisboa e pela pesquisadora Isabella Paoletti. Logo, abaixo há um quadro quantitativo das ocorrências de DN nos dados analisados:

Tabela 2:

Anos	Número de ocorrências de contextos com dupla negação
70	0
80	1
90	9
2010	18

Com o quadro comparativo acima é possível perceber um aumento significativo de ocorrências da DN com o tempo em PE. Além disso, uma segunda tabela com uma comparação entre as ocorrências de negação canônica e NEG2 será apresentada a seguir, a fim de comprovar o número reduzido de usos de DN em relação às outras estratégias negativas.

¹³ Esse projeto é intitulado APSE - Envelhecimento, pobreza e exclusão social: Um estudo interdisciplinar sobre serviços inovadores de intervenção social, que faz parte de uma investigação na Universidade Nova de Lisboa que envolve três principais vertentes: Análise da conversação (numa perspectiva etnometodológica, Análise do discurso e A linguística do contato)

Tabela 3:

Anos ¹⁴	Número de entrevistas analisadas	Número total de palavras contidas nas entrevistas	Número de ocorrências de contextos com dupla negação	Número de ocorrências de contextos com negação pré-verbal
1970	25	18.128	0 / 0%	464 / 100%
1980	5	4.010	1 / 2%	46 / 98%
1990	20	25.621	9 / 1,7%	541 / 98,3%
2010	20	371.080	18 / 0,4%	5.276 / 99,6%

Os dados com negação pré-verbal são altos e variam bastante porque devemos considerar o número de entrevistas analisadas em cada período e de suas extensões.

A seguir é apresentado um contexto dos anos 90 realizado na região de Lisboa de Portugal com a dupla negação em final de turno.

E: este hábito que as, que, que a juventude tem de tratar os pais por os velhos...

F: pelos velhos, os meus velh[...]

E: concorda com essa maneira de tratar os pais?

F: mas isso é brasileiro. isso é brasileiro.

E: acha que sim?

F: os velhos. é, é. eles t[...], na, na televisão cá vem ele "ai o meu velho faz assim, o meu velh[...], o meu coroa, o meu velho", é tudo isto assim.

E: acha bem essa maneira

F: não!

E: dos filhos se dirigirem aos pais?

F: não. e tratá-los por tu, ainda menos! esta trata. os outros dois não. esta é mais atrevida. mas, mas a, mas os outros dois não. e eu nunca lhe dei licença de tratar por tu. até o neto agora também que a mãe na[...], trata, o neto também trata, o filho dela. mas não gosto porque perdem um bocado do respeito. **não gosto não**, não gosto.

A seguir, apresenta-se a uma proposta de análise para o trecho acima.

¹⁴ As datas apresentadas fazem referência às décadas, e não aos anos precisos, em que as entrevistas foram coletadas.

Q1a este hábito que as, que, que a juventude tem de tratar os pais por os velhos...

INTER pelos velhos, os meus velh[...]

Q1a' concorda com essa maneira de tratar os pais?

A1 mas isso é brasileiro. isso é brasileiro.

Q1b acha que sim?

A1 os velhos. é, é. eles t[...], na, na televisão cá vem ele "ai o meu velho faz assim, o meu velh[...], o meu coroa, o meu velho", é tudo isto assim.

Q1c acha bem essa maneira

A1a não!

Q1c' dos filhos se dirigirem aos pais?

A1b não.

<Q2> <E outras formas de tratamento?>

A2 e tratá-los por tu, ainda menos!

<Q3> <Quais dos seus filhos lhe tratam assim?>

A3 esta trata. os outros dois não. esta é mais atrevida. mas, mas a, mas os outros dois não. e eu nunca lhe dei licença de tratar por tu.

<Q4> <E seus netos como lhe tratam?>

A4 até o neto agora também que a mãe na[...], trata, o neto também trata, o filho dela.

A1c mas não gosto

<Q5> <Por que não gosta?>

A5 porque perdem um bocado do respeito.

A1d **não gosto não**, não gosto.

A análise acima procura explicitar a estrutura de tópico comentário da fala do entrevistado depois que o entrevistador estabelece a partir da afirmação, “dos filhos se dirigirem aos pais?” o tópico “você concorda com essa forma de os filhos tratarem os pais?”. Porém, até o tópico ser compreendido pelo entrevistado há algumas tentativas por parte do entrevistador como “concorda com essa maneira de tratar os pais?” e “acha bem essa maneira” de estabelecer o tópico. A partir do enunciado A1b o entrevistado apresenta a resposta, que se constitui no comentário. Entretanto, em um segundo momento, o entrevistado parece querer elaborar melhor o comentário. Para isso, inicia

uma narrativa pessoal. A partir daí, sucedem-se vários enunciados que se organizam em uma estrutura de tópico comentário para satisfazer a exigência de desenvolvimento estabelecida pelo *subtópico*. Essa digressão vai, de alguma forma, elaborando o discurso do tópico inicialmente estabelecido. A sua retomada é realizada, então, pelo enunciado, uma dupla negação cuja função parece ser exatamente a de promover um retorno ao tópico inicialmente estabelecido. Além disso, parece indicar a disposição do falante de continuar do desenvolvimento do mesmo tópico.

A seguir é apresentado um contexto dos anos 2010 realizado na região de Lisboa de Portugal com a dupla negação em meio de turno.

F: Mas é interessante explorar o tema do futuro com idosos porque normalmente não é um problema que os técnicos têm muito em conta **não costuma-se considerar muito não** é só da parte dos idosos é mesmo às vezes da parte dos técnicos que esquecem-se um bocadinho de que há realmente ainda futuro não estamos só a passar o dia e é muito interessante.

A seguir, apresenta-se a uma proposta de análise para o trecho acima.

(...)

A1 Mas é interessante explorar o tema do futuro com idosos

<Q2> <Por quê?>

A2a porque normalmente não é um problema que os técnicos têm muito em conta

A2b **não costuma-se considerar muito não**

<Q3> <Quem costuma não considerar muito esse tema?>

A3 é só da parte dos idosos é mesmo às vezes da parte dos técnicos que esquecem-se um bocadinho

<Q4> <Do que eles se esquecem, mais especificamente?>

A4 de que há realmente ainda futuro não estamos só a passar o dia e é muito interessante.

A análise acima procura explicitar a estrutura de tópico comentário da fala do entrevistado depois do primeiro comentário “mas é interessante explorar o tema do futuro com idosos”. Esse comentário motiva uma subquestão, ou seja, um subtópico responsável por apresentar a razão de não se explorar o tema futuro com os idosos. Essa

razão é apresentada em dois comentários seguidos (A2a e A2b). O segundo comentário é realizado por meio de uma dupla negação, abrindo a possibilidade para a criação de subtópicos subsequentes.

Essa seção encarregou-se de mostrar a análise de enunciados com dupla negação de acordo a hipótese de manutenção tópica, a partir da apresentação de contextos com ocorrências de dupla negação em dados de fala espontânea em PE. A finalidade foi justificar a hipótese que o PE encontra-se em uma dos estágios iniciais de uso da estratégia de dupla negação.

O próximo capítulo irá expor a aplicação e os resultados de um teste de percepção realizado com falantes de PE, residentes da cidade de Lisboa, Portugal, e sua comparação com um teste similar aplicado em Porto Alegre.

3 TESTES DE PERCEPÇÃO

3.1 Teste de percepção aplicado na região Sul do Brasil

Em 2013, um teste de percepção foi desenvolvido no âmbito das pesquisas vinculadas ao projeto de pesquisa “Pressuposições e estados de crença: uma abordagem inferencial ao problema da projeção de pressuposições”, coordenado pelo prof. Marcos Goldnadel na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com o objetivo de testar em quais contextos eram mais aceitáveis as ocorrências da estratégia de dupla negação¹⁵. O teste foi elaborado para compreender quais são os papéis informacionais exercidos pela dupla negação. A hipótese de manutenção tópica foi tomada em consideração na elaboração e distribuição dos contextos.

Para a elaboração do teste, contou-se com o auxílio de uma professora especialista em psicolinguística¹⁶. De uma forma geral, foram construídos 12 contextos de fala a serem aplicados em falantes de Porto Alegre. Desses contextos, 10 possuíam os enunciados a serem avaliados. Abaixo há um resumo das etapas de elaboração desse teste.

Foram idealizados 10 diálogos contendo enunciados com dupla negação a partir do cruzamento dos elementos *posição no turno* e *papel informacional efetivo da dupla negação* (manutenção de tópico, finalização de tópico, criação de tópico e desvio de tópico). A tabela a seguir apresenta, de modo esquemático, os tipos de contextos de acordo com o cruzamento desses dois parâmetros e as expectativas de julgamento motivadas pela hipótese a ser testada.

¹⁵ A aceitabilidade de enunciados será mais bem caracterizada na apresentação do teste de percepção realizado.

¹⁶ Ingrid Finger, professora adjunta da UFRGS (Departamento de Línguas Modernas) com vínculo permanente ao PPG Letras.

Tabela 4:

		Papel Informacional Efetivo da Dupla Negação			
		Manutenção de Tópico	Finalização de Tópico	Criação de Tópico	Desvio de Tópico
Posição no Turno	Início	Contexto 1	Contexto 2	Contexto 3	Contexto 4
	Meio	Contexto 5	Contexto 6	Contexto 7	Contexto 8
	Fim	Contexto 9		Contexto 10	
Expectativa		Natural	Quase Natural	Pouco Natural	Nada Natural

Os contextos 1, 5 e 9 são aqueles em que a dupla negação realiza manutenção tópica, estabelecendo uma relação de tópico comentário que mantém o tópico ou subtópico precedente e sinaliza a continuidade tópica nos contextos em que aparece no início e no meio de turno, apenas não cumprindo continuidade em enunciados de fim de turno. Esses contextos são apresentados a seguir, com uma análise de acordo a perspectiva teórica de Van Kuppevelt.

Contexto 1:

A: Tá, mas tu vai ou não vai?

B: **Não vou não.** Esse cara acha que eu sou trouxa? Vem me convidar pra festa dele depois de tudo o que me fez. Sem noção.

Análise:

Q1 Tá, mas tu vai ou não vai?

A1 **Não vou não.**

<Q2> <Por que não vai?>

A2 Esse cara acha que eu sou trouxa?

<Q3> <Por que está aborrecida?>

A3 Vem me convidar pra festa dele depois de tudo o que me fez. Sem noção.

O contexto acima apresenta uma estrutura de tópico comentário na qual a questão “Tá, mas tu vai ou não vai?” introduz o tópico sentencial a ser desenvolvido. A

resposta à questão Q1 é elaborada pelo comentário A1, que contém a dupla negação. Essa estratégia negativa cumpre a função de retomar a questão imediatamente anterior e ainda sinaliza a continuidade tópica, que é desenvolvida nos comentários A2 e A3 subsequentes. Como, nesse contexto, a dupla negação realiza comentário a tópico, que segue sendo elaborado, a expectativa é de que os sujeitos a considerem **natural**.

Contexto 5

A: E ao cinema, tu vai muito?

B: Sempre fui muito. **Não vou pouco não.** Quando tem uma estreia, vou correndo.

Análise

Q1 E ao cinema, tu vai muito?

A1a Sempre fui muito.

A1b **Não vou pouco não.**

<Q2> <Por quê?>

A2 Quando tem uma estreia, vou correndo.

O contexto acima apresenta uma estrutura de tópico comentário na qual a questão “E ao cinema, tu vai muito?” introduz o tópico sentencial a ser desenvolvido. A resposta à questão Q1 é elaborada pelo comentário A1a. Em seguida, a dupla negação surge como um segundo comentário para a mesma questão. Esse comentário estimula uma nova questão, de modo que caracteriza um contexto em que a dupla negação segue sendo elaborada, de modo que a expectativa é a de que os sujeitos a considerem **natural**.

Contexto 9

A: Estudou pra prova?

B: Puxa, essa semana foi muito agitada, fiquei todo o tempo envolvida com o trabalho. **Não estudei não.**

Análise

Q1 Estudou pra prova?

{A1a} Puxa, essa semana foi muito agitada {Não}

<Q2> <Por quê?>

A2 fiquei todo o tempo envolvida com o trabalho.

A1b Não estudei não.

O contexto acima apresenta uma estrutura de tópico comentário na qual a questão “Estudou pra prova?” introduz o tópico sentencial a ser desenvolvido. A resposta à questão Q1 é elaborada pelo comentário {A1a}. Associa-se a esse comentário uma subquestão, ou seja, um subtópico. No final da resposta, a dupla negação surge como um retorno ao tópico. Como, neste caso, a dupla negação retorna a uma questão precedente, a expectativa é a de que os sujeitos a considerem **natural**.

Já a dupla negação que apresenta uma estrutura informacional de finalização tópica, presente nos contextos 2 e 6, estabelece uma relação de tópico comentário que mantém o tópico ou subtópico precedente, porém não sinaliza a continuidade tópica aparecendo, assim, apenas nos enunciados em posição de início e meio de turno. Esses contextos são apresentados a seguir, já com uma análise de acordo a perspectiva teórica adotada neste trabalho, inspirada na abordagem de Van Kuppevelt.

Contexto 2

A: E tu, Luiza? Tu é a favor da legalização?

B: **Eu não sou a favor não.** O João descobriu que o filho dele tá usando.

Análise

Q1 E tu, Luiza? Tu é a favor da legalização?

A1 **Eu não sou a favor não.**

NA O João descobriu que o filho dele tá usando.

O contexto acima apresenta uma estrutura de tópico comentário na qual a questão “E tu, Luiza? Tu é a favor da legalização?” introduz o tópico sentencial a ser desenvolvido. A resposta à questão Q1 é elaborada pelo comentário A1, que contém a dupla negação. Essa estratégia negativa cumpre a função de retomar a questão imediatamente anterior, porém o enunciado seguinte não realiza continuidade tópica, já que “O João descobriu que o filho dele tá usando.” não constitui um comentário, pois não pode ser percebido como uma resposta a qualquer pergunta motivada pelo enunciado com dupla negação. De acordo com a hipótese deste trabalho, enunciados de dupla negação como esse, que respondem a questão, mas não constituem questão

apropriada ao enunciado seguinte deveriam ser considerados **quase naturais** pelos sujeitos testados.

Contexto 6

A: Não gostei muito do último filme do Batman...

B: É...Tem muito drama, pouca ação. **Não me agradou muito não.** Foi filmado todo em Los Angeles.

Análise

{Q1} Não gostei muito do último filme do Batman... {Você gostou?}

<Q2> Por quê?

A2 É...Tem muito drama, pouca ação.

A1 **Não me agradou muito não.**

NA Foi filmado todo em Los Angeles.

O contexto acima apresenta uma estrutura de tópico comentário no qual a questão “Não gostei muito do último filme do Batman...” introduz o tópico sentencial a ser desenvolvido, que consiste em uma indagação sobre a opinião do interlocutor sobre o filme. Neste caso, a resposta A1 (o enunciado com dupla negação) à questão Q1 (que estabelece o tópico sentencial) é antecedida por uma resposta a uma subquestão por ela mesma motivada¹⁷. Sendo assim, a dupla negação cumpre, neste caso a função de retomar a elaboração de um tópico precedente. Entretanto, o enunciado subsequente não consiste em uma resposta a qualquer questão imaginável a partir do enunciado com dupla negação, razão pela qual se esperaria que os sujeitos testados considerassem esse contexto **quase natural**.

A dupla negação que apresenta a estrutura informacional de criação de tópico estabelece um relação de tópico comentário que sinaliza a continuidade tópica, porém não mantém o tópico ou subtópico precedente, além disso ela cumpre essa função nos contextos em que aparece no início, no meio e no fim de turno (3, 7 e 10). Esses contextos são apresentados a seguir, com uma análise de acordo a perspectiva teórica de Van Kuppevelt.

¹⁷Esse tipo de inversão não é incomum, podendo ser observada em muitas entrevistas sociolinguísticas.

Contexto 3

A: Vamos passar um fim de semana em Gramado?

B: **Eu não quero te iludir não.** Já falei que não quero compromisso. Tu não acha que fim de semana em Gramado já é demais?

Análise

Q1 Vamos passar um fim de semana em Gramado?

NA **Eu não quero te iludir não.**

<Q2> Por quê?

A2 Já falei que não quero compromisso.

Q2 Tu não acha que fim de semana em Gramado já é demais?

O contexto acima apresenta uma estrutura de tópico comentário no qual a questão “Vamos passar um fim de semana em Gramado?” introduz o tópico sentencial a ser desenvolvido. A resposta elaborada pelo comentário NA que contém a dupla negação não cumpre a função de responder a questão imediatamente anterior, sendo classificada como um não comentário. Porém, esse comentário sinaliza a continuidade tópica, uma vez que “Já falei que não quero compromisso.” constitui um comentário à questão Q2 motivada pelo enunciado com dupla negação. Para casos como esse, a expectativa era a de que os sujeitos testados considerassem o contexto como **pouco natural**, já que o enunciado com dupla negação não cumpre a função principal de constituir um comentário a tópico precedente.

Contexto 7

A: E aí, participou do protesto ontem?

B: Acabei não indo. **Não sou contra não.** Alguém tem que fazer alguma coisa pra mudar esse país.

Análise

Q1 E aí, participou do protesto ontem?

A1 Acabei não indo.

NA **Não sou contra não.**

<Q2> <Por quê?>

A2 Alguém tem que fazer alguma coisa pra mudar esse país.

O contexto acima apresenta uma estrutura de tópico comentário no qual a questão “E aí, participou do protesto ontem?” introduz o tópico sentencial a ser desenvolvido. A resposta elaborada pelo comentário A1 cumpre a função de retomar a questão imediatamente anterior. Porém, o comentário NA com a dupla negação não apresenta uma relação tópica intrínseca com o conteúdo anterior. Mesmo assim, percebe-se que o conteúdo que se segue à dupla negação constitui comentário a uma questão por ela motivada (“Alguém tem que fazer alguma coisa pra mudar esse país.” constitui um comentário à questão Q2 motivada pelo enunciado com dupla negação). Neste caso, a expectativa era a de que os sujeitos testados considerassem o contexto como **pouco natural**, já que o enunciado com dupla negação não cumpre a função principal de constituir um comentário a tópico precedente.

Contexto 10

A: Bah! Que decepção o jogo do Atlético com o São Paulo!

B: Ruim mesmo. **O campeonato não tá bem de dinheiro não.**

Análise

Q1 Bah! Que decepção o jogo do Atlético com o São Paulo!

A1 Ruim mesmo.

NA **O campeonato não tá bem de dinheiro não.**

O contexto acima apresenta uma estrutura de tópico comentário no qual a questão “Bah! Que decepção o jogo do Atlético com o São Paulo!” introduz o tópico sentencial a ser desenvolvido. A resposta elaborada pelo comentário A1 cumpre a função de retomar a questão imediatamente anterior. Porém, o comentário NA com a dupla negação não apresenta uma relação tópica intrínseca com o conteúdo anterior e nem sinaliza sua continuidade tópica. Neste caso, a expectativa era a de que os sujeitos testados considerassem o contexto como **pouco natural**, já que o enunciado com dupla negação não cumpre a função principal de constituir um comentário a tópico precedente.

Por fim, a dupla negação que apresenta uma estrutura informacional de desvio de tópico estabelece uma relação de tópico comentário que não mantém o tópico ou subtópico precedente, e também não sinaliza a continuidade tópica. Esta se dá nos

contextos em de início e meio de turno (4 e 8). Esses contextos, que se espera que os sujeitos da pesquisa considerem nada naturais, são apresentados a seguir, já com uma análise de acordo a perspectiva teórica de Van Kuppevelt.

Contexto 4

A: E aí? Decidiu se vai contratar o Casemiro?

B: **Ele não rouba não.** Ele é inteligente. É comunicativo. Acho que vou.

Análise

Q1 E aí? Decidiu se vai contratar o Casemiro?

NA1 **Ele não rouba não.**

NA2 Ele é inteligente.

NA3 É comunicativo.

A1 Acho que vou.

O contexto acima apresenta uma estrutura de tópico comentário no qual a questão “E aí? Decidiu se vai contratar o Casemiro?” introduz o tópico sentencial a ser desenvolvido. Porém, através dessa questão o comentário NA1 que contém a dupla negação não apresenta um relação tópica intrínseca com o conteúdo anterior. Além disso, esse enunciado não sinaliza uma continuidade tópica como é demonstrado em NA2 e NA3. Então, é somente o comentário A1 que estabelece uma resposta à questão Q1. Em casos como este, a expectativa era a de que os sujeitos testados considerassem os contextos **nada naturais**, já que o enunciado de dupla negação não cumpre nenhuma das funções levantadas pela hipótese central de manutenção tópica.

Contexto 8

A: Será que vai ter blitz hoje?

B: Acho que sim, porque é sábado. **Não sou de beber não.** Todo sábado tem blitz.

Análise

Q1 Será que vai ter blitz hoje?

A1a Acho que sim, porque é sábado.

NA **Não sou de beber não.**

A1b Todo sábado tem blitz.

O contexto acima apresenta uma estrutura de tópico comentário no qual a questão “Será que vai ter blitz hoje?” introduz o tópico sentencial a ser desenvolvido. Então, o comentário A1a estabelece uma resposta à questão Q1. Porém, o comentário NA, que contém a dupla negação, não apresenta uma relação tópica intrínseca com o conteúdo anterior e também não sinaliza continuidade tópica. Ainda o comentário A1b retoma a questão Q1. Mais uma vez, a expectativa era a de que os sujeitos testados considerassem os contextos **nada naturais**, já que o enunciado de dupla negação não cumpre nenhuma das funções levantadas pela hipótese central de manutenção tópica.

Depois de elaborados todos os contextos apresentados, em uma etapa posterior, procedeu-se ao seu registro em arquivos de áudio, que seriam apresentados aos sujeitos da pesquisa na aplicação do teste. Essa gravação foi realizada por falantes nativos de Porto Alegre.

Na aplicação do teste, os sujeitos receberam primeiramente uma folha contendo instruções (Anexo 1), com esclarecimentos sobre a forma de aplicação e com a definição dos seguintes conceitos: *enunciado natural*, *enunciado quase natural*, *enunciado pouco natural* e *enunciado nada natural*. Por fim, os estudantes também receberam um questionário de dados pessoais.

O teste propriamente foi realizado da seguinte forma. Depois de ler a folha de instruções, os sujeitos receberam uma folha com 12 enunciados negativos, abaixo dos quais estavam as quatro opções de julgamento. Em seguida, o aplicador do teste reproduzia duas vezes o áudio de um dos trechos a serem julgados, depois do que os sujeitos deveriam realizar o seu julgamento de aceitabilidade. É importante esclarecer que os trechos foram apresentados em uma ordem randomizada.

A aplicação foi realizada com 88 alunos do curso de graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os resultados serão apresentados na seção de comparação entre o teste realizado em Lisboa e o aplicado em Porto Alegre.

3.2 Teste de percepção aplicado em Lisboa

Baseado no teste anterior, realizado em Porto Alegre e em seu sucesso, foi pensada nessa investigação que, além da recolha de ocorrências de dupla negação em dados de fala em PE, uma aplicação de um teste similar ao aplicado em PoA seria um acréscimo à hipótese adicional defendida. Então, após passar por um processo de adaptação, o teste foi aplicado em falantes nativos de PE com objetivos similares aos

procurados na capital do RS, que eram de verificar a aceitação de diferentes ocorrências da dupla negação considerando seu papel informacional e sua posição no turno.

3.2.1 Procedimentos metodológicos: processo de adaptação do teste

Em Lisboa, a fim de tornar os contextos mais naturais para falantes de uma variedade diferente do PB, as sentenças que seriam aplicadas foram analisadas por dois nativos. Essas adaptações foram realizadas considerando-se aspectos semânticos e conversacionais. Alguns contextos não foram adaptados, porque não houve necessidade (de acordo com os falantes). Esse processo pode ser observado na seguinte tabela comparativa:

Tabela 5:

Contextos aplicados em Porto Alegre	Contextos adaptados e aplicados em Lisboa
A: Quer um pedaço de pudim? B: <u>Não quero não</u> . Já comi a sobremesa.	A: Queres um pedaço de pudim? B: <u>Não quero não</u> . Já comi a sobremesa.
A: Alguém viu o jogo ontem? B: Eu saí com uns amigos. <u>Não pude assistir</u> . Mas meu irmão viu	A: Alguém viu o jogo ontem? B: Eu saí com os amigos. <u>Não pude assistir</u> . Mas o meu irmão viu.
A: Vamos passar um fim de semana em Gramado? B: <u>Eu não quero te iludir não</u> . Já falei que não quero compromisso. Tu não acha que fim de semana em Gramado já é demais?	A: Vamos passar um fim de semana em Sintra? B: <u>Eu não quero te iludir não</u> . Já te disse que não quero me comprometer. Tu não achas que um fim de semana em Sintra já é demais?
A: Bah! Que decepção o jogo do Atlético com o São Paulo! B: Ruim mesmo... <u>O São Paulo não tá bem de dinheiro não</u> .	A: Que decepção o jogo do Benfica com o Sporting! B: Foi mal... <u>O campeonato não tá bem de dinheiro não</u> .
A: E aí? Decidiu se vai contratar o Beto? B: <u>Ele não rouba não</u> . Ele é inteligente. É comunicativo. Acho que vou.	A: Já decidistes se vai contratar o Beto? B: <u>Ele não rouba não</u> . Ele é inteligente. É comunicativo. Acho que vou.

<p>A: Tá, mas tu vai ou não vai?</p> <p>B: <u>Não vou não</u>. Esse cara acha que eu sou trouxa? Vem me convidar pra festa dele depois de tudo o que me fez.</p>	<p>A: Então, mas tu vais ou não?</p> <p>B: <u>Não vou não</u>. Esse tipo acha que eu sou parva? Convida-me pra festa dele depois de tudo o que me fez. Sem noção.</p>
<p>A: Será que vai ter blitz hoje?</p> <p>B: Acho que sim, porque é sábado. <u>Não sou de beber não</u>. Todo sábado tem blitz.</p>	<p>A: Será que vai haver uma operação stop hoje?</p> <p>B: Acho que sim, porque é sábado. <u>Não sou de beber não</u>. Todos os sábados há operação stop.</p>
<p>A: E ao cinema, tu vai muito?</p> <p>B: Sempre fui muito. <u>Não vou pouco não</u>. Quando tem uma estreia, vou correndo.</p>	<p>A: E ao cinema, tu vais muito?</p> <p>B: Adoro cinema. <u>Não vou pouco não</u>. Quando há uma estreia, vou a correr.</p>
<p>A: Estudou pra prova?</p> <p>B: Puxa, essa semana foi muito agitada, fiquei todo o tempo envolvida com o trabalho. <u>Não estudei não</u>.</p>	<p>A: Estudastes para a prova?</p> <p>B: É pah, esta semana foi muito agitada, fiquei todo o tempo envolvida com o trabalho. <u>Não estudei não</u>.</p>
<p>A: E tu, Luiza? Tu é a favor da legalização das drogas?</p> <p>B: <u>Eu não sou a favor não</u>. O João descobriu que o filho dele tá usando.</p>	<p>A: E tu, Eduardo? Tu és a favor da legalização das drogas?</p> <p>B: <u>Eu não sou a favor não</u>. O João descobriu que o filho está nas drogas.</p>
<p>A: E aí, participou do protesto ontem?</p> <p>B: Acabei não indo. <u>Não sou contra não</u>. Alguém tem que fazer alguma coisa pra mudar esse país.</p>	<p>A: E então, participastes da manifestação ontem?</p> <p>B: Acabei por não ir. <u>Não sou contra não</u>. Alguém tem que fazer alguma coisa para mudar esse país.</p>

Além disso, os contextos adaptados foram gravados por dois falantes nativos de PE. Logo, o teste, foi composto pelos 12 contextos apresentados e, como no de Porto Alegre, os participantes, também, responderam um questionário com dados pessoais.

3.2.2 Aplicação

O teste de percepção foi aplicado com 75 estudantes de Letras da Universidade Nova de Lisboa, dos quais 29 eram nascidos em Lisboa e moraram a vida toda na cidade, 11 eram não nascidos em Lisboa, mas moram há mais de 5 anos na cidade, 15 eram não nascidos em Lisboa e moram há menos de 5 anos na cidade, 9 eram não nascidos em Lisboa e nunca moraram na cidade, mas nascidos em Portugal e 11 eram nascidos fora de Portugal.

3.3 Apresentação e discussão dos resultados dos testes aplicados em Lisboa e Porto Alegre

Esta seção apresenta e os resultados dos testes realizados nas cidade de Porto Alegre e Lisboa. As tabelas 6 e 7 mostram, respectivamente, os resultados dos testes aplicados em Porto Alegre e em Lisboa.

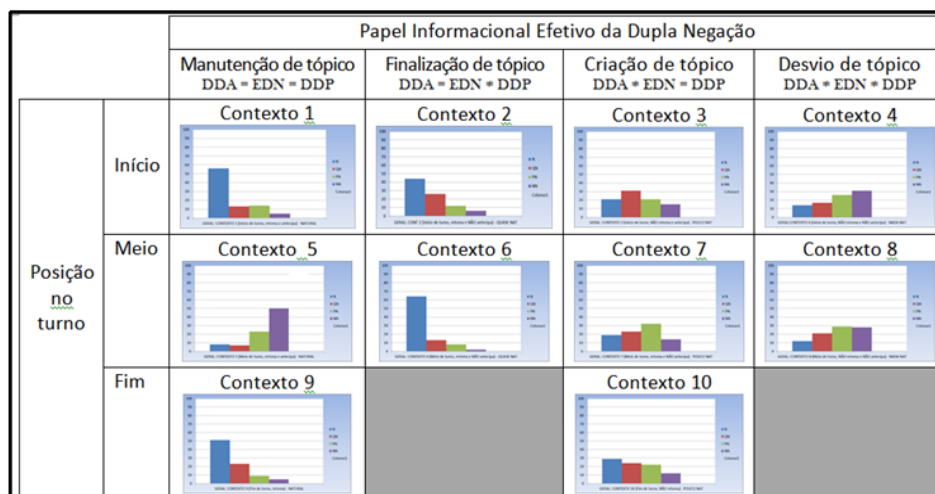
Tabela 6: Resultados do teste aplicado em Porto Alegre

		Papel Informacional Efetivo da Dupla Negação																			
		Manutenção de Tópico					Finalização de Tópico					Criação de Tópico					Desvio de Tópico				
		Aceitação					Aceitação					Aceitação					Aceitação				
		N	QN	PN	NN	T	N	QN	PN	NN	T	N	QN	PN	NN	T	N	QN	PN	NN	T
Posição no Turno	Início	56/ 63%	13/ 15%	14/ 16%	5/ 6%	88/ 100%	44/ 50%	26/ 29%	12/ 14%	6/ 7%	88/ 100%	21/ 24%	31/ 35%	21/ 24%	15/ 17%	88/ 100%	14/ 16%	17/ 19%	26/ 30%	31/ 35%	88/ 100%
	Meio	8/ 9%	7/ 8%	23/ 26%	50/ 57%	88/ 100%	65/ 74%	13/ 15%	8/ 9%	2/ 2%	88/ 100%	19/ 22%	23/ 26%	32/ 36%	14/ 16%	88/ 100%	10/ 11%	21/ 24%	29/ 33%	28/ 32%	88/ 100%
	Fim	51/ 58%	23/ 26%	9/ 10%	5/ 6%	88/ 100%						29/ 33%	25/ 28%	22/ 25%	12/ 14%	88/ 100%					
Expectativa		NATURAL					QUASE NATURAL					POUCO NATURAL					NADA NATURAL				

Tabela 7: Resultados do teste aplicado em Lisboa

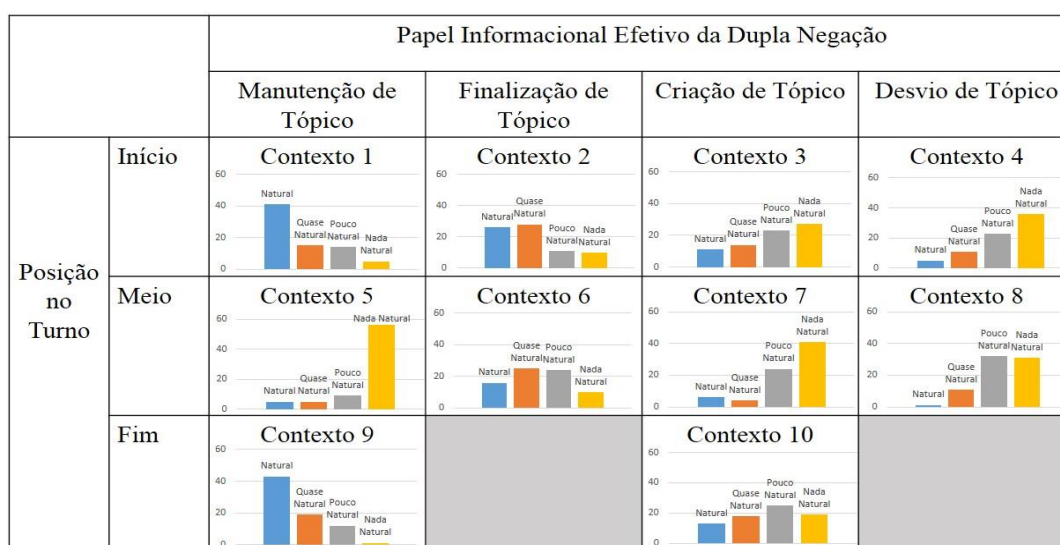
		Papel Informacional Efetivo da Dupla Negação																			
		Manutenção de Tópico					Finalização de Tópico					Criação de Tópico					Desvio de Tópico				
		Aceitação					Aceitação					Aceitação					Aceitação				
		N	QN	PN	NN	T	N	QN	PN	NN	T	N	QN	PN	NN	T	N	QN	PN	NN	T
Posição no Turno	Início	41/ 55%	15/ 20%	14/ 19%	5/ 6%	75/ 100%	26/ 35%	28/ 37%	11/ 15%	10/ 13%	75/ 100%	11/ 15%	14/ 18%	23/ 31%	27/ 36%	75/ 100%	5/ 7%	11/ 15%	23/ 30%	36/ 48%	75/ 100%
	Meio	5/ 7%	5/ 7%	9/ 12%	56/ 74%	75/ 100%	16/ 21%	25/ 33%	24/ 32%	10/ 14%	75/ 100%	6/ 8%	4/ 5%	24/ 32%	41/ 55%	75/ 100%	1/ 1%	11/ 14%	32/ 43%	31/ 42%	75/ 100%
	Fim	43/ 57%	19/ 26%	12/ 16%	1/ 1%	75/ 100%						13/ 18%	18/ 24%	25/ 33%	19/ 25%	75/ 100%					
Expectativa		NATURAL					QUASE NATURAL					POUCO NATURAL					NADA NATURAL				

A seguir os mesmos resultados são apresentados na forma de gráficos de barras.

Tabela 8: Gráficos de barras dos resultados do teste na cidade de Porto Alegre

Legenda:



Tabela 9: Gráficos de barras dos resultados do teste na cidade de Lisboa**Legenda:**

	Natural
	Quase Natural
	Pouco Natural
	Nada Natural

A observação dos gráficos de barras permite notar que, com exceção do contexto 5, todos os demais receberam julgamentos que satisfazem as expectativas estabelecidas inicialmente pela hipótese elaborada. O resultado geral parece, portanto, apresentar alguma evidência em favor da suposição de que, em estágio inicial, o uso de dupla negação não enfática está relacionado à estratégias discursivas relacionadas à manutenção de tópico.

Os resultados de enunciados negativos em início de turno oferecem suporte párea a hipótese assumida, como se pode depreender da observação dos julgamentos dos sujeitos testados para os quatro tipos de contexto apresentados. O contexto 1, em que a dupla negação expressa manutenção tópica tanto no que diz respeito ao discurso precedente quanto ao discurso subsequente, mostra os maiores índices de aceitação, tendo sido considerado natural por grande parte dos sujeitos. O contexto 2, em que a dupla negação mantém o tópico do discurso precedente, mas não sinaliza continuidade, teve uma aceitação menor do que a revelada pelo contexto anterior. Percebe-se, neste caso, que a barra que indica o julgamento natural cede espaço para a barra que indica julgamento quase natural. Já o contexto 3, em que há uma ruptura com o tópico precedente, revela uma aceitação bem menor, como se pode observar pelo crescimento

das barras que indicam julgamentos de baixa aceitabilidade. Por fim, a dupla negação que instancia uma ruptura tópica total é a menos aceita, com muito poucos informantes a considerando natural ou quase natural e um número expressivo a considerando pouco ou nada natural.

Os resultados para as duplas negações em meio de turno também ofereceriam forte apoio para a hipótese sobre a função pragmática de dupla negação em estágio inicial se não fosse os resultados obtidos para o contexto 5. Entretanto, os contextos 6, 7 e 8 mantêm o mesmo padrão encontrado nos contextos 2, 3 e 4 (início de turno), o que faz suspeitar que talvez a frustração da expectativa do contexto 5 seja devida à construção do trecho. Pode-se, de fato, supor que a baixa aceitação desse contexto seja devida a um fator interveniente. Esse é o único contexto em que a dupla negação apresenta conteúdo redundante com enunciado precedente, sendo, por isso, muito pouco informativa. É possível, então, que os sujeitos tenham tido seus julgamentos motivados por uma rejeição a essa repetição, e não propriamente por uma rejeição à função pragmática de manutenção de tópico.

Os resultados para as duplas negações em fim de turno mais uma vez oferecem forte suporte para a hipótese assumida, como se pode observar pela diferença nos julgamentos, que apontam o contexto com dupla negação comentando tópico como muito mais natural que o contexto com dupla negação que não elabora sobre o tópico precedente.

3.4 Considerações finais do capítulo

Os resultados apresentados do teste de percepção aplicado em Porto Alegre e Lisboa, de um forma geral, confirmam as duas principais hipóteses seguintes:

Hipótese Central (1)

Em um de seus estágios iniciais, a dupla negação em português falado cumpre uma dupla função: (1) apresentar comentário a um (sub)tópico precedente e (2) sinalizar uma continuidade tópica, ou seja, estimular a criação de (sub)tópico subsequente.

Hipótese adicional (2)

O Português Europeu Falado estaria em um dos estágios iniciais de utilização de dupla negação não enfática, respeitando as mesmas restrições existentes nas ocorrências desse fenômeno na região Sul do Brasil.

Os resultados desta investigação oferecem, portanto, algum suporte para as hipóteses formuladas. A primeira hipótese, aquela que postula uma função pragmática específica para os usos de dupla negação em estágio inicial de uso (manutenção tópica) parece ser confirmada pelo teste de percepção realizado. De acordo com a segunda hipótese, há utilização de enunciados de dupla negação não enfática em PE, fenômeno que estaria em um dos estágios iniciais de uso. Essa hipótese parece receber confirmação dos elevados índices de aceitação para alguns desses enunciados por grande parte dos participantes deste estudo. Se os enunciados com o fenômeno não fossem utilizados em nenhum contexto pelos portugueses, muito provavelmente, não teriam sido considerados naturais em nenhuma das opções apresentadas aos falantes.

CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou oferecer alguma contribuição para a discussão da dupla negação, fenômeno que ocorre não apenas em português, mas em um número considerável de línguas. Ademais, a investigação desse tipo de estrutura apresenta relevância na literatura especializada, pois já foi analisada em outras regiões do Brasil com abordagens distintas. Como foi mencionado, hipóteses baseadas em questões fonéticas e estruturais foram propostas para a explicação do surgimento do fenômeno.

Aqui assumiu-se uma abordagem pragmática para buscar uma explicação para o surgimento da dupla negação. De um modo geral, a principal ideia da pesquisa foi refinar a hipótese de manutenção tópica proposta por Lima (2013), que foi apoiada por análises de contextos de fala espontâneos que continham os casos de dupla negação não enfática.

Para atingir o objetivo de desenvolver as suposições de Lima (2013), este trabalho procurou não apenas debruçar-se sobre dados do português brasileiro, mas ainda buscou observar dados do português europeu, variedade em que a literatura especializada não costumava encontrar usos não enfáticos de dupla negação. Em uma primeira aproximação, feita através da leitura de entrevistas sociolinguísticas de um período que se estendeu da década de 70 até os dias atuais, observou-se, a partir da década de 90, o surgimento de usos de dupla negação. Esse primeiro achado levantou a suspeita de que Portugal já vive, nos dias atuais, um estágio que se caracteriza pelo uso de negações não canônicas.

A suposição de que os falantes portugueses já estivessem usando duplas negações estimulou a realização de um teste de percepção com falantes residentes na cidade de Lisboa, a fim de verificar se havia aceitação da estrutura inovadora e se, havendo aceitação, as restrições identificadas em estudo prévio com falantes de Porto Alegre (região conservadora em relação ao uso de dupla negação no Brasil) operariam com mesma força em Lisboa.

Os resultados revelaram uma similaridade impressionante entre Porto Alegre e Lisboa, reforçando a hipótese assumida, de que em comunidades em que a dupla negação ainda aparece de forma incipiente, seu uso decorre de uma estratégia discursiva de manutenção tópica. Evidentemente, a defesa dessa hipótese depende ainda da realização de outros estudos. No campo da análise das entrevistas sociolinguísticas, mais casos precisam ser analisados de acordo com o modelo assumido (a partir dos

conceitos de tópico e comentário propostos por Van Kuppevelt). No campo da aplicação dos testes, novos contextos podem ser criados e mais informantes podem ser incluídos nas amostras (tanto em regiões do Brasil quanto em regiões de Portugal), a fim de que se possa extrair conclusões com maior suporte estatístico.

Vale acrescentar que este estudo, embora ainda constitua uma iniciativa a ser aprofundada em estudos posteriores, apresentou um dado novo para a literatura especializada. Poucos autores reconheceram, até este momento, usos de dupla negação em Portugal. Mesmo assim, os autores que reconhecem esses usos consideram-nos invariavelmente expressão de alguma forma de ênfase. Os enunciados com dupla negação encontrados ao longo desta investigação em entrevistas sociolinguísticas são inequivocamente não enfáticos, revelando algo que a literatura especializada até então não reconhecia. Além disso, reforçou essa constatação com os testes de percepção, já que um expressivo número de sujeitos investigados considerou naturais contextos contendo enunciados com dupla negação.

Por fim, espera-se, com este estudo, ter contribuído para um tema que interessa não somente aos estudos de Linguística Histórica, mas ainda aos estudos de Pragmática. As línguas mudam ao longo do tempo graças às criações dos falantes destinadas a aumentar seu poder expressivo. Sendo assim, não são apenas as determinações estruturais internas aos sistemas linguísticos e as determinações sociais que agem no sentido de produzir formas inovadoras de expressão. Nesse sentido, a Pragmática, disciplina voltada para a descrição e explicação dos recursos expressivos da linguagem verbal parece ter uma contribuição importante para os estudos da mudança linguística, assim como a observação da mudança pode oferecer *insights* importante para os estudos pragmáticos.

Referências

AUWERA, J. V. D. 2009. The Jespersen Cycles. In: GELDEREN, E V. Cyclical change. Amsterdam: John Benjamins, p. 35-71.

CAVALCANTE, R. 2007. A negação pós-verbal no português brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes. 2007. 160f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FURTADO DA CUNHA, M. A. 2001. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 17, no 1, p. 1-30.

FURTADO DA CUNHA, M. A. 2007. Grammaticalization of the strategies of negation in Brazilian Portuguese. Journal of Pragmatics, Amsterdam, v. 39, p. 1638-53,

GOLDNADEL, M.; LIMA, L.; Breunig,G; ESQUIVEL, N. A.; LUZ, J. 2013. Estratégias Alternativas de Negação Sentencial na Região Sul do Brasil: Análise da Influência de Fatores Pragmáticos a Partir de Dados do Projeto Varsul. Revista de Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, V.21, n2, p 35-74, jul./dez 2013.

HAGEMEIJER. T. 2003. Elementos polares na periferia direita: negação aparentemente descontínua, afirmação enfática e tags. Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, p. 465-476.

LAMBRECHT, Knud. 1994. Information structure and sentence form: Topic, focus, and the mental representation of discourse referents. In: Cambridge Studies in Linguistics 71. Cambridge: Cambridge University Press. 404p.

LIMA, S. L. 2013. Motivações pragmáticas para o surgimento de estruturas de dupla negação: uma análise a partir de dados da região Sul do Brasil. 110f. Dissertação (Mestrado em Gramática, Semântica e Léxico) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

LIPSKI, J. M. 2000. Invited keynote lecture, Spanish Linguistics Symposium, Indiana University-Bloomington.

SCHWENTER, S. A. 2004. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. *Lingua*, Amsterdam, v. 115, p. 1427-56.

SCHWENTER, S. A. 2006. Fine-Tuning Jespersen's Cycle. In: Birner, B.; Ward, G. *Drawing the Boundaries of Meaning: Neo-Gricean Studies in Pragmatics and Semantics in Honor of Laurence R. Horn*. Amsterdam: Benjamins, p. 327-344.

SEIXAS, V e ALKMIN, M. 2013. Negação sentencial em textos setecentistas e oitocentistas: [não/não] em foco. *Revista Linguística/ Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 9, número 2.

SOARES, V. 2009. A negação no contato entre dialetos. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SOUSA, A. S. 2004. As estruturas de negação em uma comunidade rural afro-brasileira: Helvécia-BA. [online]. Disponível em <http://www.vertentes.ufba.br/souza.doc>. Acessado em Fevereiro de 2014.

SOUSA, L. T. 2007. A gramaticalização do não no português brasileiro e a etapa do processo. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, no 2, p. 1-16.

SOUSA, L. T. 2011. Sentential Negation in Brazilian Portuguese: Pragmatics and Syntax. *Universidade de Campinas, JournalLIPP* 1, p. 89-103.

THORNE, B. 1980. "You still takin' notes?" Fieldwork and Problems of Informed Consent. *Social Problems*, Vol. 27, n° 3, p. 284-297.

VAN DEN HOONAARD, W. C. 2003. Is anonymity an artifact in ethnographic research? *Journal of Academic Ethics* 1, p. 141-151.

VAN GELDEREN. E. 2009. Cyclical change. *Linguistik Aktuell/Linguistics Today*, Vol. 146.

VAN KUPPEVELT. J. 1995. Main Structure and Side Structure in Discourse. *Journal of Linguistics* 33. Cambridge University Press, p. 809-833.

VAN KUPPEVELT. J. 1996. Directionality in Discourse Prominence Differences. *Journal of Semantics* 13. Oxford University Press, p. 363-395.

VAN KUPPEVELT. J. 1995. Discourse structure, topicality and questioning. Directionality in Discourse Prominence Differences. *Journal of Linguistics* 31. Cambridge University Press, p. 109-147.

Anexo 1 – Teste de Percepção realizado em Porto Alegre

ORIENTAÇÕES

Você ganhará duas páginas com doze sentenças.

Você vai ler a primeira sentença.

Em seguida, vai escutar DUAS VEZES um trecho de um diálogo que contém a sentença lida.

Depois de ouvir duas vezes o diálogo, você deverá dizer se considera que a sentença lida foi usada de um modo:

Natural

ou

Quase Natural

ou

Pouco Natural

ou

Nada Natural

Marque como *Natural* o enunciado que você considera que seja produzido de modo espontâneo em seu dialeto. Ou seja, marque como *Natural* o enunciado que você acredita que ouviria de pessoas que usem o mesmo dialeto que o seu.

Marque como *Nada Natural* o enunciado que você considera que não seja produzido de modo espontâneo em seu dialeto. Ou seja, marque como *Nada Natural* o enunciado que você acredita que NÃO ouviria de pessoas que usem o mesmo dialeto que o seu.

Você pode escolher ainda entre classificações intermediárias.

Marque como *Quase Natural* o enunciado que você considera que se aproxima de um uso *Natural*.

Marque como ***Pouco Natural*** o enunciado que você considera que se aproxima de um uso ***Nada Natural***.

Faça o mesmo com as sentenças seguintes.

IMPORTANTE

Você deve realizar seu julgamento considerando o enunciado sublinhado em seu contexto. Ou seja, você deve situá-lo na escala que vai de natural a nada natural levando em consideração trecho como um todo.

1

Não quero não.

Natural

Quase Natural

Pouco Natural

Nada Natural

2

Não pude assistir.

Natural

Quase Natural

Pouco Natural

Nada Natural

3

Eu não te quero iludir não

Natural

Quase Natural

Pouco Natural

Nada Natural

4

Não me agradou muito não.

*Natural**Quase Natural**Pouco Natural**Nada Natural***5**

O São Paulo não tá bem de dinheiro não.

*Natural**Quase Natural**Pouco Natural**Nada Natural***6**

Ele não rouba não.

*Natural**Quase Natural**Pouco Natural**Nada Natural***7**

Não vou não.

*Natural**Quase Natural**Pouco Natural**Nada Natural*

8

Não sou de beber não.

*Natural**Quase Natural**Pouco Natural**Nada Natural***9**

Não vou pouco não.

*Natural**Quase Natural**Pouco Natural**Nada Natural***10**

Não estudei não.

*Natural**Quase Natural**Pouco Natural**Nada Natural***11**

Eu não sou a favor não.

*Natural**Quase Natural**Pouco Natural**Nada Natural***12**

Não sou contra não.

*Natural**Quase Natural**Pouco Natural**Nada Natural*

Anexo 2 – Teste de Percepção realizado em Lisboa

ORIENTAÇÕES

Você ganhará duas páginas com doze sentenças.

Você vai ler a primeira sentença.

Em seguida, vai escutar DUAS VEZES um trecho de um diálogo que contém a sentença lida.

Depois de ouvir duas vezes o diálogo, você deverá dizer se considera que a sentença lida foi usada de um modo:

Natural

ou

Quase Natural

ou

Pouco Natural

ou

Nada Natural

Marque como *Natural* o enunciado que você considera que seja produzido de modo espontâneo em seu dialeto. Ou seja, marque como *Natural* o enunciado que você acredita que ouviria de pessoas que usem o mesmo dialeto que o seu.

Marque como *Nada Natural* o enunciado que você considera que não seja produzido de modo espontâneo em seu dialeto. Ou seja, marque como *Nada Natural* o enunciado que você acredita que NÃO ouviria de pessoas que usem o mesmo dialeto que o seu.

Você pode escolher ainda entre classificações intermediárias.

Marque como *Quase Natural* o enunciado que você considera que se aproxima de um uso *Natural*.

Marque como ***Pouco Natural*** o enunciado que você considera que se aproxima de um uso ***Nada Natural***.

Faça o mesmo com as sentenças seguintes.

IMPORTANTE

Você deve realizar seu julgamento considerando o enunciado sublinhado em seu contexto. Ou seja, você deve situá-lo na escala que vai de natural a nada natural levando em consideração trecho como um todo.

1

Não quero não.

Natural

Quase Natural

Pouco Natural

Nada Natural

2

Não pude assistir.

Natural

Quase Natural

Pouco Natural

Nada Natural

3

Eu não te quero iludir não

Natural

Quase Natural

Pouco Natural

Nada Natural

4

Não me agradou muito não.

*Natural**Quase Natural**Pouco Natural**Nada Natural***5**

O campeonato não tá bem de dinheiro não.

*Natural**Quase Natural**Pouco Natural**Nada Natural***6**

Ele não rouba não.

*Natural**Quase Natural**Pouco Natural**Nada Natural***7**

Não vou não.

*Natural**Quase Natural**Pouco Natural**Nada Natural*

8

Não sou de beber não.

*Natural**Quase Natural**Pouco Natural**Nada Natural***9**

Não vou pouco não.

*Natural**Quase Natural**Pouco Natural**Nada Natural***10**

Não estudei não.

*Natural**Quase Natural**Pouco Natural**Nada Natural***11**

Eu não sou a favor não.

*Natural**Quase Natural**Pouco Natural**Nada Natural***12**

Não sou contra não.

*Natural**Quase Natural**Pouco Natural**Nada Natural*

Anexo 3 – Contextos do teste gravados em Porto Alegre**1**

A: Quer um pedaço de pudim?

B: Não quero não. Já comi a sobremesa.

2

A: Alguém viu o jogo ontem?

B: Eu saí com uns amigos. Não pude assistir. Mas meu irmão viu.

3

A: Vamos passar um fim de semana em Gramado?

B: Eu não quero te iludir não. Já falei que não quero compromisso. Tu não acha que fim de semana em Gramado já é demais?

4

A: Não gostei muito do último filme do Batman...

B: É...Tem muito drama, pouca ação. Não me agradou muito não. Foi filmado todo em Los Angeles.

5

A: Bah! Que decepção o jogo do Atlético com o São Paulo!

B: Ruim mesmo... O São Paulo não tá bem de dinheiro não.

6

A: E aí? Decidiu se vai contratar o Beto?

B: Ele não rouba não. Ele é inteligente. É comunicativo. Acho que vou.

7

A: Tá, mas tu vai ou não vai?

B: Não vou não. Esse cara acha que eu sou trouxa? Vem me convidar pra festa dele depois de tudo o que me fez.

8

A: Será que vai ter blitz hoje?

B: Acho que sim, porque é sábado. Não sou de beber não. Todo sábado tem blitz.

9

A: E ao cinema, tu vai muito?

B: Sempre fui muito. Não vou pouco não. Quando tem uma estreia, vou correndo.

10

A: Estudou pra prova?

B: Puxa, essa semana foi muito agitada, fiquei todo o tempo envolvida com o trabalho. Não estudei não.

11

A: E tu, Luiza? Tu é a favor da legalização das drogas?

B: Eu não sou a favor não. O João descobriu que o filho dele tá usando.

12

A: E aí, participou do protesto ontem?

B: Acabei não indo. Não sou contra não. Alguém tem que fazer alguma coisa pra mudar esse país.

Anexo 4 – Contextos do teste gravados em Lisboa

1

A: Queres um pedaço de pudim?

B: Não quero não. Já comi a sobremesa.

2

A: Alguém viu o jogo ontem?

B: Eu saí com os amigos. Não pude assistir. Mas o meu irmão viu.

3

A: Então, mas tu vais ou não?

B: Não vou não. Esse tipo acha que eu sou parva? Convida-me pra festa dele depois de

4

A: E tu, Eduardo? Tu és a favor da legalização das drogas?

B: Eu não sou a favor não. O João descobriu que o filho está nas drogas.

5

A: Vamos passar um fim de semana em Sintra?

B: Eu não quero te iludir não. Já te disse que não quero me comprometer. Tu não achas que um fim de semana em Sintra já é demais?

6

A: Já decidistes se vai contratar o Beto?

B: Ele não rouba não. Ele é inteligente. É comunicativo. Acho que vou.

7

A: E ao cinema, tu vais muito?

B: Adoro cinema. Não vou pouco não. Quando há uma estreia, vou a correr.

8

A: Não gostei muito do último filme do Batman...

B: É... Tem muito drama, pouca ação. Não me agradou muito não. Foi filmado todo em Los Angeles.

9

A: E então, participastes da manifestação ontem?

B: Acabei por não ir. Não sou contra não. Alguém tem que fazer alguma coisa para mudar esse país.

10

A: Será que vai haver uma operação stop hoje?

B: Acho que sim, porque é sábado. Não sou de beber não. Todos os sábados há operação stop.

11

A: Estudastes para a prova?

B: É pah, esta semana foi muito agitada, fiquei todo o tempo envolvida com o trabalho. Não estudei não.

12

A: Que decepção o jogo do Benfica com o Sporting!

B: Foi mal... O campeonato não tá bem de dinheiro não.